



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade
em Domínio Cognitivo e Motor

A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com
Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º
Ciclo e de Educação Especial

Isabel Maria Campos Ferreira

Lisboa, setembro de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade
em Domínio Cognitivo e Motor

A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com
Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º
Ciclo e de Educação Especial

Isabel Maria Campos Ferreira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus com vista à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Educação
Especial: Domínio Cognitivo e Motor sob a orientação da
Professora Cristina Gonçalves

Lisboa, setembro de 2012

*«APRENDI QUE UM HOMEM SÓ TEM DIREITO DE OLHAR UM
OUTRO DE CIMA PARA BAIXO PARA AJUDÁ-LO A LEVANTAR-SE»*

GABRIEL GARCIA MARQUES



Resumo

Este trabalho apresenta a importância da Música no processo de ensino/aprendizagem, a sua aplicação e os seus benefícios no desenvolvimento da criança com Necessidades Educativas Especiais.

Efetivamente é importante dar uma resposta às crianças que “sofrem” os seus “handicaps”, no sentido de os integrar melhor na sociedade em que vivemos.

Para isso é importante descobrir quais os benefícios que a Música afeta às crianças com NEE devendo inclui-las numa dimensão com apoio.

O objetivo deste trabalho é mostrar que é possível construir um trabalho de intervenção em que a Música não é somente uma associação de sons e palavras, mas sim, um instrumento que pode fazer a diferença nas nossas escolas, pois ela desperta e facilita na criança com NEE a aprendizagem, bem como o seu desenvolvimento global.

PALAVRAS - CHAVE: NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, HANDICAPS, MÚSICA, INTERVENÇÃO, INSTRUMENTO, DESENVOLVIMENTO.



Abstract

This work shows the importance of music in the teaching/ learning process, its implementation and its benefits in the development of children with Special Educational Needs.

Effectively it is important to respond to children who "suffer" their "handicaps", to better integrate the society in which we live.

For this it is important to find out what benefits the Music affects children with SEN should include them in a dimension as support.

The objective of this work is to show that it is possible to construct an intervention in which the music is not only a combination of sounds and words, but a tool that can make a difference in our schools, because it awakens and facilitates the child with SEN learning as well as their overall development.

KEYWORDS: SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS, HANDICAPS, MUSIC, INTERVENTION, INSTRUMENT, DEVELOPMENT.



Agradecimentos

Ao concluir este trabalho, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização do mesmo.

Um muito obrigado à Doutora Cristina Gonçalves, que orientou este trabalho e que soube transmitir o seu saber.



Abreviaturas

SEN - Special Educational Needs

EE - Educação Especial

NEE - Necessidades Educativas Especiais



Índice

Agradecimentos.....	II
Abreviaturas.....	III
Índice.....	1
Índice de Gráficos.....	3
Introdução.....	5
Enquadramento Teórico	7
Capítulo 1 – Abordagem Histórica do Conceito de Deficiência.....	8
1.1. Separação	8
1.2. Proteção	9
1.3. Emancipação	9
1.4. Integração.....	17
1.5. Conceito de Necessidades Educativas Especiais	18
1.6. A Escola Inclusiva.....	13
1.7. A Importância da Inclusão na Escola	16
1.8. A Relação Escola/Família e Crianças com NEE	18
Capítulo 2 - A Origem da Música	28
2.1. A Música no Âmbito do Desenvolvimento	31
2.2. A Importância da Música na Educação	25
2.3. O Professor Interdisciplinar e a Música.....	38
2.4. A Música como Terapia	39
Capítulo 3 - A Criança e a Música.....	35
3.1. A Música para Portadores de Deficiência.....	436
3.2. A Música como forma de Inclusão para crianças com NEE	41
Enquadramento Empírico	43
Capítulo 4 - Definição do Problema	44
4.1. Objetivos da Investigação	44
4.2. Justificação do Tema	45
4.3. Condicionanismos do Estudo.....	45
Capítulo 5 - Metodologia.....	47
5.1. Caracterização da Amostra.....	48
5.2. Hipóteses.....	48
5.3. Fase Preparatória ou Estudo Preliminar	49
5.3.1. 1ª Fase: Pesquisa Documental.....	57



5.3.2. 2ª Fase: Levantamento dos Casos	57
5.3.3. 3ª Fase: Pesquisa de Campo.....	57
5.4. Recolha de Dados	58
5.4.1. Fase Preparatória	58
5.4.2. Fase Exploratória.....	58
5.4.3. Apresentação, Análise e Discussão do Estudo Prático	58
5.4.3.1. Apresentação e Análise dos Dados Obtidos	58
5.4.3.2. Discussão dos Resultados.....	59
6. Linhas Futuras de Investigação	64
Conclusões.....	65
Referências Bibliográficas.....	69
Anexos.....	A



Índice de Gráficos

Gráfico nº 1 – Idade dos professores inquiridos.....	51
Gráfico nº 2 – Género dos docentes.....	52
Gráfico nº 3 – Tempo de Serviço.....	52
Gráfico nº 4 – Anos de experiência com alunos NEE.....	53
Gráfico nº 5 – Grau de Ensino.....	53
Gráfico nº 6 – Habilitações.....	53
Gráfico nº 7 – A formação inicial de professores é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com a área da Música.....	53
Gráfico nº 8 – Sinto-me preparado para lecionar estes conteúdos.....	54
Gráfico nº 9 – Na sua prática pedagógica já usou alguma vez a Música como estratégia?.....	54
Gráfico nº 10 - Se sim, com que objetivo utilizou a Música?.....	55
Gráfico nº 11 – Qual a perceção que tirou dessa experiência?.....	55
Gráfico nº 12 - Como reagiu a criança com NEE, quando entrou em contacto com a Música? (Escolha apenas uma opção).....	56
Gráfico nº 13 - As crianças com NEE têm mais dificuldade em comunicar/expressar os seus sentimentos quando em contacto com esta área.....	56



Gráfico nº 14 – Surgiu alguma alteração no comportamento destas crianças, quando em contacto com a Música?.....	57
Gráfico nº 15 – Teve ou tem algum discente que frequente ou frequentasse musicoterapia em algum centro especializado na área?.....	57
Gráfico nº 16 – Se sim, como considera os efeitos obtidos?.....	58
Gráfico nº 17 – Existem apoios suficientes extra escola, no que concerne à musicoterapia que ajudem e apoiem crianças com NEE?.....	58
Gráfico nº 18 – A musicoterapia é crucial para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE.....	59



Introdução

Este trabalho intitulado “A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º Ciclo e dos Professores de Educação Especial”, surgiu na sequência do cruzamento de duas áreas, pelas quais nutrimos grande interesse e o que nos levou a uma reflexão mais intensa, nestes últimos tempos.

É do conhecimento comum, que a Música tem efeitos benéficos incontestáveis na generalidade das pessoas. Ora, se em pessoas ditas “normais” a sua ação é indiscutível, em pessoas portadoras de deficiência, física ou mental, os seus efeitos serão tão ou mais significativos, quanto mais não seja, como forma de melhorar a qualidade de vida destas pessoas.

Assim, sem dar por isso, começamos a pesquisar incessantemente sobre Música e ao mesmo tempo sobre Necessidades Educativas Especiais, termos estes que, desde então, passaram a fazer parte da rotina do nosso quotidiano.

Portanto, a atenção deste estudo centrou-se nos benefícios que a Música poderá propiciar para o adequado desenvolvimento de crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais, nos aspetos psíquicos, motores, sociais e biológicos.

Para tal, este estudo apresenta-se dividido em duas partes, a parte teórica e a parte prática. O enquadramento teórico é constituído por três capítulos. No primeiro, fazemos uma revisão da literatura onde apresentamos uma abordagem geral sobre os aspetos essenciais a ter em conta quando lidamos com uma criança portadora de Necessidades Educativas Especiais, fazendo a abordagem histórica do conceito de deficiência; de NEE; de Escola Inclusiva e realçando a importância da Inclusão na escola. No segundo capítulo, são apresentados alguns conceitos básicos sobre a Música, a importância da mesma para a criança, bem como algumas considerações.

O terceiro capítulo refere-se à concetualização da Música enquanto terapia, bem como ao seu histórico, benefícios e, mais concretamente, à influência desta técnica em crianças portadores de NEE.

Na parte prática, justificamos a escolha do estudo, apresentamos os objetivos gerais e específicos da investigação, formulamos as hipóteses, as variáveis e referimos as limitações do presente estudo.



Mostramos, também, os resultados, a caracterização da amostra e discussão dos mesmos.

A “fechar a cortina” deste trabalho, temos as conclusões, onde fazemos uma retrospectiva global sobre a pesquisa realizada, em que os objetivos do mesmo entram em cena, lado a lado, com o problema central deste estudo e, onde não faltam, à mistura, sentimentos antagónicos de alegria, desânimo e até alguns medos e receios. Ficando em aberto o surgimento de um guião para uma nova peça, cujo tema será, o mesmo, a influência da Música no desenvolvimento global das crianças com NEE alargado a uma amostra mais significativa.



Enquadramento Teórico



Capítulo 1 – Abordagem Histórica do Conceito de Deficiência

Neste capítulo, apresentamos também uma abordagem histórica do conceito de deficiência. Passamos a desenvolver os momentos que nos parecem ser os mais importantes nas diversas alterações ao conceito de deficiência.

A problemática da deficiência tem sido equacionada de forma diferente ao longo dos tempos. Segundo Kirk e Gallagher (1996), esta tem sido perspectivada de quatro formas distintas, que se relacionam com as atitudes perante os deficientes, as quais correspondem a quatro períodos históricos diferentes: Separação, Proteção, Emancipação, Integração. Atualmente fala-se de um quinto período referente à Inclusão que abordaremos à posteriori.

1.1. Separação

Segundo Jiménez (1997), o deficiente é encarado pela rejeição e ignorância, sendo que na maioria das sociedades primitivas o deficiente era encarado com superstição e malignidade.

Nas civilizações clássicas como Esparta, Atenas e Roma, a condenação à morte de crianças que nasciam com deficiências era naturalmente aceite. Até mesmo filósofos como Platão, Aristóteles e Séneca defendiam esta atitude no sentido de preservar a raça e evitar sobrecargas para a sociedade.

Apesar desta atitude, alguns deficientes foram venerados, nomeadamente Homero, Tiresias e Phineus. No antigo Egipto, os deficientes eram divinizados, principalmente os cegos, que se acreditava terem uma visão sobrenatural, baseada na comunicação com os Deuses.

No início da Idade Média imperava ainda a superstição, pois acreditava-se que a deficiência e a demonologia tinham uma relação de casualidade (Leitão, 2000).

Assim, os deficientes eram separados das pessoas ditas normais, sendo muitas vezes condenados à morte devido à sua condição.



1.2. Proteção

Após o período de separação surge na sociedade um sentimento de caridade face ao deficiente, que tem origem com o desenvolvimento de Ordens Religiosas, que fundaram asilos e hospitais onde recolhiam os deficientes.

Acreditava-se que tratando bem os deficientes se ganharia um “lugar no céu”.

Foi no final da Idade Média que se criaram os primeiros hospitais onde os deficientes eram assistidos. Imperava a ideia de que era necessário proteger a pessoa “normal” da “não normal”, sendo esta última considerada um perigo para a sociedade, mas também acontecia o inverso, considerando-se necessário proteger o deficiente de uma sociedade que só lhe poderia causar danos (Jiménez, 1997). Mesmo assim, nesta altura era ainda usual o apedrejamento de pessoas com deficiência, sendo que muitas dessas pessoas foram queimadas em fogueiras da Inquisição (Vieira & Pereira, 2003).

No entanto, o movimento reformista da Igreja vem alterar novamente o estatuto do deficiente, relegando-o para um plano inferior, acalentando a ideia de que a deficiência tinha causas sobrenaturais, considerando os deficientes possuídos pelo demónio e outros espíritos maléficos (Jiménez, 1997).

1.3. Emancipação

O Renascimento, que traz um novo interesse em estudar o Homem, aliado à industrialização e ao surgimento de deficientes ilustres, nomeadamente cegos, dão um novo impulso à Educação para Deficientes, criando as condições para o aparecimento da Educação Especial.

Um dos pioneiros nesta área foi Jacob Rodrigues Pereira (1749), que demonstrou que se podem ensinar os surdos a ler e a falar.

Segundo Jiménez, (1997) Itard é referenciado como o pai da Educação Especial, sendo célebre o seu estudo com Victor (a criança selvagem), uma criança encontrada nos bosques de Aveyron, França. Para o tratamento desta criança, Itard sistematiza as



suas necessidades educativas, criando um programa de apoio específico (Correia, 1999). No entanto, cinco anos mais tarde, conclui a impossibilidade de cura.

Este período foi caracterizado com grande optimismo, pensando-se que através da Educação Especial se poderiam educar outros deficientes, tornando-os cidadãos produtivos e úteis. Surgiram assim as primeiras escolas particulares, ligadas à Igreja.

Contudo, a Educação em escolas públicas e mais tarde a escolaridade obrigatória, não contemplavam os cidadãos deficientes. A preocupação era a de conseguir que os deficientes fossem cidadãos ativos da sociedade, mas sem grandes custos na Educação dos mesmos.

Só posteriormente, com o aparecimento da Lei da Educação Obrigatória para Todos, é que se questiona a problemática da Educação da criança deficiente.

Surge assim, a necessidade de completar a Educação dos deficientes com um sistema de serviços capaz de responder às necessidades desses mesmos alunos (Leitão, 2000). Criaram-se, nesta altura, as primeiras classes de aperfeiçoamento na Alemanha (1863) e França (1907).

Já no final do século XIX, a Educação Especial era ministrada em escolas especiais, em regime de internato, destinadas a crianças com deficiências visuais, auditivas, intelectuais, motoras e, posteriormente, autistas.

1.4. Integração

O conceito de integração surge ainda no século XIX, mas é posta em prática no século XX, conferindo ao deficiente as mesmas condições de realização, independentemente das limitações que manifesta. Verifica-se a substituição das práticas segregadoras por práticas e experiências integradoras (Jiménez, 1997). Trata-se de integrar as crianças deficientes no mesmo ambiente escolar das outras crianças consideradas normais.

Na última metade do século XX assiste-se ao aparecimento do conceito de Normalização, que origina mudanças nos sistemas de atendimento a deficientes. O princípio da Normalização implica, numa perspetiva pedagógica, o princípio da



individualização, sendo que o atendimento educativo a dar às crianças se deve ajustar às suas características e particularidades. Assim, os indivíduos com deficiência receberiam esse atendimento dentro do seu ambiente natural (Jiménez, 1997).

Pode-se, pois, dizer que o objetivo da Educação Especial é tornar as crianças deficientes o mais aptas possível, tendo em consideração as suas limitações, diminuindo as diferenças das crianças ditas normais, para que elas se sintam preparadas para ingressar no mundo laboral.

1.5. Conceito de Necessidades Educativas Especiais

O conceito de Necessidades Educativas Especiais é usado para definir crianças ou alunos com problemas e, muito raramente, crianças particularmente inteligentes. Essas diferenças deveriam ser suficientemente evidentes ao ponto de implicar a modificação das práticas escolares ou de necessitar de Educação Especial para possibilitar o seu pleno desenvolvimento.

A designação de Necessidades Educativas Especiais (Special Educational Needs) ganhou uma grande força quando foi utilizada e defendida por Warnock, no seu relatório, em Maio de 1978.

Report Warnock (1978) refere três exemplos:

- a necessidade de se encontrarem meios específicos de acesso ao currículo, no sentido da existência de crianças cujas incapacidades (sensoriais, motoras) necessitam de instrumentos que as ajudem no acesso ao currículo normal;
- a necessidade de lhe ser facultado um currículo especial ou modificado, no sentido em que existem crianças que necessitam de um ensino/aprendizagem para o qual se tem que recorrer a (re)elaboração de um currículo que, tenha mais ou menos, enfoque em aspetos aos quais a criança com NEE denote problemas. Tendo muitas vezes que se recorrer ao faseamento do mesmo de modo a que os objetivos do ensino sejam alcançados eficazmente, (Wedell).



- a necessidade de dar especial atenção à estrutura social e ao clima emocional no qual a Educação decorre; dando-se assim grande importância à interação que a criança estabelece com o meio ambiente, numa tentativa de ao mudar esta se modifique em que o grau de pressões a que as crianças que são emocionalmente vulneráveis possam estar expostas (Wedell).

Dizer que um determinado aluno apresenta NEE é uma forma de dizer que, para conseguir os fins da Educação, ele precisa de usufruir de determinados serviços ou ajudas pedagógicas. Desta forma, uma necessidade educativa define-se tendo em conta aquilo que é essencial para a consecução dos objetivos da Educação.

Neste sentido estará subjacente ao conceito NEE *“a perspectiva de um contínuo de necessidades educativas e de medidas ou recursos educativos especiais, estará subjacente o princípio de que as crianças devem ser educadas no meio o menos restrito possível, ou seja o mais normal possível”*, (Wood, 1983, 1984; cit. por Felgueiras, 1994).

Tendo em conta a Declaração de Salamanca (1994), cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprios. Os sistemas de Educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades.

“Reconhecer a significância da diferença, quando falamos de alunos com NEE, para, assim podermos respeitar as suas características e necessidades e, conseqüentemente considerar métodos de ensino adequados e diferenciados. A diferenciação e a individualização são conceitos ímpares a ter em conta”.

Segundo Luís Miranda, ter Necessidades Educativas Especiais é precisar de um complemento educativo adicional e/ou diferente daquele que normalmente é ministrado. Este complemento será a resposta a dar a cada caso e terá de ser específica e baseada em critérios pedagógicos, tendo como objetivo promover o desenvolvimento do discente explorando todo o seu potencial – físico, intelectual, estético, criativo, emocional, espiritual e social – para que ele possa viver como cidadão válido e autónomo.

Em suma, as crianças que tem NEE, quando a sua deficiência ou a sua imperfeição física, psicológica não lhes permite atingir da mesma forma que as outras crianças, aquilo que lhes é ensinado normalmente na escola. Estes alunos necessitam de um complemento educativo adicional e diferente com o objetivo de promover o seu desenvolvimento e aprendizagem.



1.6. A Escola Inclusiva

Pensar numa sociedade para todos, na qual se respeita a diversidade da raça humana, atendendo às necessidades das maiorias e minorias é concretizar a realização da sociedade inclusiva na qual caberá a Educação num primeiro momento, a mediação deste processo.

O movimento de integração é anterior ao conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE), mas este conceito vem reforçar integracionista. A integração do aluno na sala de aula do ensino regular é a concretização da necessidade da mudança de atitude face ao ensino tradicional.

O Processo de acolhimento das crianças com deficiência nas escolas regulares foi moroso e passivo de muitas alterações.

O conceito de Escola Inclusiva vem assim reforçar o direito de todos os alunos frequentarem o mesmo tipo de ensino na medida em que preconiza que *“os objetivos educacionais e o plano de estudos são o mesmo para todos, independentemente das diferenças individuais da natureza física, psicológica, cognitiva ou social que possam surgir”* (N.R.1).

O princípio fundamental das Escolas Inclusivas preconizado pela Declaração de Salamanca (1994) consiste em que todas as crianças aprendam, sempre que possível, independentemente das diferenças e das dificuldades que apresentam. Nesta perspetiva, a Escola Inclusiva é aquela que educa todos os alunos dentro de um único sistema educativo, proporcionando programas educativos estimulantes que sejam adequados às capacidades e necessidades de cada um.

Este princípio está geralmente associado às crianças com deficiências mas, pode ser estendido a crianças de diferentes culturas, crianças em risco ou outro tipo de necessidades educativas.

O primeiro passo para operacionalizar o princípio da Inclusão é assegurar que as crianças frequentem as escolas que frequentariam se não tivessem NEE. O segundo passo é inclui-las pedagógica e socialmente nos grupos de criança sem NEE com os

^(N.R.1) Ministério da Educação, D.E.B. (1998): Organização e Gestão dos Apoios Educativos, (P. 12)



apoios necessários para participar globalmente na rotina da sala de aula de acordo com as metas e objetivos dos programas e planos educativos.

A colocação das crianças com Necessidades Educativas Especiais, mesmo com deficiências severas, tem de ser o caminho a seguir em termos educacionais, mas temos de considerar que *“o princípio da inclusão apela, assim, para uma Escola que tenha em atenção a criança-todo, não só a criança-aluno, e que, por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, sócio-emocional e pessoal – por forma a proporcionar-lhe uma educação apropriada, orientada para a maximização do seu potencial (Correia, 1997).”*

Uma das maiores dificuldades que decorre da operacionalização destes princípios no contexto de cada escola, diz respeito à concretização de uma Educação diferenciada, à planificação e gestão dos recursos humanos e técnicos disponíveis para lhe dar coerência e viabilidade, sendo estas dificuldades sentidas pelos intervenientes no processo inclusivo e curiosamente emanadas pelo próprio Ministério da Educação^(N.R.2).

“O princípio da inclusão não deve ser tido como um conjunto inflexível, mas deve permitir que um conjunto de opções seja considerado sempre que a situação exija” (Correia, 1997, p. 34).

Segundo Correia, (2003) uma Escola Inclusiva é uma escola onde toda a criança é respeitada e encorajada a aprender até ao limite das suas capacidades.

Os ambientes inclusivos tornam o trabalho mais estimulante, uma vez que há uma experimentação de várias metodologias e consciencialização das suas práticas, e como refere Correia, (2000) ajuda a quebrar o isolamento em que os professores trabalham favorecendo o desenvolvimento de amizades, entre todo o tipo de crianças, proporcionando aprendizagens similares e interações. A preocupação do desenvolvimento integral da criança dentro de um espírito de pertença, de participação em todos os aspetos da vida escolar, mas sem nunca esquecer as suas limitações, e ainda os alunos sem NEE poderão compreender que todos somos diferentes e que essas diferenças têm que ser respeitadas e aceites.

Neste âmbito, para além das vantagens que poderá trazer, para que as escolas se tornem verdadeiras comunidades inclusivas, é necessário que estas se apoiem em princípios de justiça, igualdade, dignidade e de respeito mútuo, que permita a promoção

^(N.R.1) Ministério da Educação, D.E.B. (1998): Organização e Gestão dos Apoios Educativos, (P. 12)



de práticas inclusivas para que os alunos possam beneficiar de experiências enriquecedoras, aprender com os outros e adquirir um conjunto de aprendizagens e valores que conduzam à aceitação da diversidade.

Em suma, como evidência Rodrigues, (2000) a Educação Inclusiva constitui uma oportunidade para que todos possam conviver e beneficiar da riqueza que a diferença nos traz.

É necessário perceber que a escola pretende inserir todos os alunos no seu seio independentemente das suas características e necessidades, para isso é imprescindível entender o conceito de Inclusão.

A Inclusão é mais do que um juízo de valor, é uma forma de melhorar a qualidade de vida, onde a Educação pode desempenhar um papel fundamental ao oferecer as mesmas oportunidades e idêntica qualidade de meios a todo aquele que chega de novo. Trata-se de dar opções, de dar lugar, de oferecer recursos e de melhorar a oferta educativa em função das necessidades de cada indivíduo, sem permitir a exclusão e oferecer como segunda oportunidade a integração escolar (Correia, 2003).

«O movimento inclusivo exige uma grande reestruturação da escola e da classe regular de forma a provocar mudanças substantivas nos ambientes educacionais de todos os alunos (...).» (Correia, 2003)

Muitas vezes, poderá parecer simples receber uma criança com Necessidades Educativas Especiais na classe regular, mas o mais comum é a receção não ser a mais adequada, provocando neste aluno sentimentos de inadequação principalmente quando se trata de crianças de 1º ou 2º ciclo.

No entanto, cabe ao professor o papel de promover uma adaptação com o menor sofrimento possível evitando situações de mal-estar, realizando atividades em conjunto que permitam que todos os alunos aprendam um pouco sobre cada um, se sintam bem-vindos e inseridos na turma.

O professor deverá sensibilizar os alunos sobre as várias diferenças que existem entre as crianças, incluindo os que apresentam NEE. Assim contribuirá para uma escola melhor, no sentido em que promoverá o desenvolvimento de atitudes mais positivas perante as NEE, evocando princípios morais e éticos que criem uma maior sensibilidade perante as necessidades dos outros.



O objetivo das Escolas Inclusivas deverá consistir na criação de um sistema educativo que possa fazer frente às necessidades dos alunos.

O conceito de Escola Inclusiva preconiza uma Educação para todos e implica a responsabilização do meio envolvente e vai circundar um maior número de intervenientes no processo educativo para dar uma resposta adequada a cada aluno. Implica, ainda, a redefinição de papéis e funções dos agentes educativos, especificamente do professor. A atuação deste deverá ser reestruturada em função da heterogeneidade do seu grupo classe, no que concerne aos saberes já adquiridos pelos alunos, às suas vivências, necessidades e interesses, numa perspetiva de pedagogia diferenciada em relação ao mesmo grupo e ao mesmo espaço.

O conceito de escola para todos vem alargar o âmbito da ação da escola, mobilizando e interagindo com os recursos livres e a disponibilizar, exigindo uma dinâmica em que todos os professores, técnicos da comunidade escolar local e pais, se envolvam, mobilizem e responsabilizem.

1.7. A Importância da Inclusão na Escola

Segundo Hammeken, (1996) a auto-estima da criança com Necessidades Educativas Especiais é melhorada pelo fato de esta não necessitar de ser retirada da sala para aprender, tal como os seus colegas também não o são. Esta autora vai mais longe ao referir que a Inclusão melhora o sistema educativo uma vez que as estratégias utilizadas para crianças com Necessidades Educativas Especiais beneficiam também as outras crianças.

As vantagens da Inclusão não se confinam apenas às crianças com e sem necessidades educativas, elas estendem-se segundo Jiménez, (1993) a toda a comunidade educativa uma vez que, segundo o autor, a integração de crianças com Necessidades Educativas Especiais nas escolas regulares, sendo bem planificada, com serviços e programas adequados, oferece muitas vantagens para todos os implicados:

- Possibilita um maior desenvolvimento intelectual e melhora a aprendizagem da criança com Necessidades Educativas Especiais. O contacto com outras crianças é benéfico ao



nível da socialização e da integração social, sendo a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com Necessidades Educativas Especiais e os pares.

- As crianças tornam-se mais tolerantes e sensíveis à diferença, criando atitudes positivas de convivências, beneficiando também dos recursos e serviços colocados ao dispor de toda a escola.
- Aos professores proporciona uma mudança e renovação na atualização e renovação das práticas.
- Os pais podem participar ativamente no processo educativo, tornando-se mais tolerantes, informados e colaborantes.
- A comunidade torna-se mais aberta viabilizando a convivência onde todos participam na resolução dos seus problemas e na sua própria evolução.
- A escola torna-se uma escola para todos, adaptando-se aos estilos e ritmos de aprendizagem, reconhecendo e satisfazendo as necessidades diversas dos seus alunos. A resposta é dada através de currículos adequados, boa organização escolar, estratégias pedagógicas, utilização de recursos e cooperação com a comunidade. É necessário portanto, um conjunto de apoios e serviços para satisfazer as necessidades especiais da escola.

Outro benefício da Inclusão é o fato dela potenciar a colaboração uma vez que a Educação Regular e Especial não estão separadas, mas sim unidas no mesmo Sistema Educativo. Este facto é benéfico segundo Hammeken, (1996) porque:

- A comunicação e colaboração aumentam quando uma equipa é formada.
- Os professores individualmente não têm as competências necessárias para responder a todas as necessidades educativas do grupo.
- Quando os elementos de uma equipa educativa com especialistas em diversas áreas trabalham juntos na resolução de problemas, os resultados são alcançados mais rapidamente.
- A Inclusão melhora a qualidade do atendimento às crianças porque os elementos da equipa educativa aprendem uns com os outros.



- A Inclusão traz benefícios para todas as crianças na medida em que quando os professores trabalham juntos na sala em colaboração, as crianças recebem uma atenção mais individualizada.

1.8. A Relação Escola/Família e Crianças com NEE

A relação da Escola com a Família tem variado ao longo dos tempos e assume formas diversas em sociedades diversas.

Segundo Wolfendale, (1987) a participação dos pais, de crianças com NEE, na escola comunga dos mesmos princípios da relação Escola/Família na generalidade, o que é de acentuar esta perspetiva. É assim uma forma de reforçar a ideia de que a relação entre pais de crianças com NEE, e os professores, pode promover e mesmo garantir, a satisfação das necessidades das crianças, bem como criar atitudes de indiferença à diferença.

Se existe consenso em relação à importância que, de um modo geral, se dá à participação dos pais na escola, esta torna-se mais evidente quando estamos na presença de crianças com NEE.

Assim, uma relação entre a casa e a escola, estando em “jogo” uma criança com NEE, pressupõe como objetivos, e segundo Hegarty, Pcklington& Lucas, (1981) as necessidades dos pais, dos professores, mas sobretudo as necessidades das crianças.

Nesta linha de orientação e tendo como referência os autores citados, a interação assume várias funções tais como:

- **Demonstração:** permitindo ultrapassar de modo a encarar a situação o mais realista possível, “reforçando-se a confiança, a coragem e o sentido de fazer parte de um grupo”.
- **Preocupação com problemas de comportamento:** uma vez que a aquisição e aprendizagem de um comportamento apropriado, é uma das maiores dificuldades, tanto em casa como na escola, ajudaria a influência de padrões de comportamento próprio, reforçado em casa, tendo em vista a escola e vice-versa.



- **Contactos com entidades profissionais:** “muitos alunos com necessidades especiais estão em contacto com serviços médico-sociais educacionais, e podem existir um grande número de identidades que invadem uma determinada família. Isto representa alguns problemas quer para os pais como para a própria escola”. Assim, a relação teria como função a ligação efetiva e a mediação entre os vários serviços. Impõe-se neste ponto a referência ao conceito de “Named Persons” proposto por Warnock Report (1978), segundo o qual uma pessoa seria ponto de contacto dos pais, com todas as tarefas daí relevantes.
- **Envolvimento dos pais na Educação dos filhos:** reconhecer aos pais o direito a envolverem-se ativamente nos projetos educacionais que dizem respeito ao seu filho tendo em conta e, como realça Warnock Report, (1978) de que a Educação com sucesso com alunos com NEE está dependente do total envolvimento dos seus pais.
- **Acesso à informação sobre o ambiente de casa:** este tipo de conhecimento permite ao professor ter mais informação e uma compreensão da situação do lar que pode muitas vezes ter a ver com a Educação da criança, por outro lado os pais fazem uma melhor ideia do que é a escola e do lá se faz, podendo adquirir uma melhor perspetiva da evolução do seu filho.

Warnock Report, (1978) é bem claro ao defender o envolvimento dos pais, enquanto parceiros iguais no processo educativo, como condição essencial para a Educação com sucesso de crianças com NEE.

Merier, (1987, p. 127) referindo Kroth (1975) acentua o interesse de como “uma planificação em colaboração entre professores e pais pode prevenir e resolver muitos dos problemas que surgem ao longo do processo educativo das crianças. Os professores e os pais, que reconhecem os seus papeis como complementares, que salientam as suas interações com entusiasmo e não com apreensão e que contemplam a suas relações como as de uma equipa sentir-se-ão recompensados, no geral, por crianças felizes capazes e meigas, e, para além disso, com sentimentos pessoais de mútuo respeito”.

A Declaração de Salamanca (1994) é bem clara quando se refere ao “envolvimento crescente (...) dos pais e comunidade (...)” no processo educativo de crianças com NEE. Reafirmando-se que os pais têm “(...) o direito inerente de ser consultados sobre a forma de Educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos”.



De acordo com a citada declaração, *“atingir o objetivo de uma educação de sucesso para as crianças com Necessidades Educativas Especiais não é competência exclusiva dos Ministérios da Educação e das escolas. Tal exige, também, a participação das famílias, a mobilização da comunidade e das organizações voluntárias, bem como o apoio do grande público”*. Numa progressiva consciencialização da necessidade de protagonismo da sociedade civil.

Como refere Telmo, (1995) *“os pais têm direito a ser informados sobre tudo o que diz respeito ao seu filho. A formação dos pais é também indispensável. Os técnicos têm que partilhar a informação com os pais, fornecer-lhes competências para lidarem com os seus filhos e ensiná-los a desenvolver a autonomia e a independência de modo a que se tornem adultos responsáveis e atuantes”*.



Capítulo 2 - A Origem da Música

A história da Música imerge na história do Homem. Não há certezas sobre a sua origem e será muito difícil descobrir o porquê da sua génese. Em termos concretos, o que se sabe dos primórdios da nossa atividade musical provém, essencialmente, de alguma iconografia que sobreviveu a milhares de anos, as pinturas rupestres na gruta de “Les Trois Frères”, consideradas como o mais antigo testemunho da nossa história musical e que parecem evidenciar que o Homem pré-histórico já usava os sons de forma intencional.

A Música esteve durante muito tempo quase, exclusivamente, ligada às práticas religiosas. Por isso, é natural que, nas civilizações antigas, fossem sacerdotes, as pessoas que ensinavam e que esse ensino tivesse lugar apenas em locais de culto religioso.

O ensino e a prática da Música eram considerados pelos chineses, e depois pelos gregos antigos, como um bem público, como um modo de agir não só sobre o povo, mas também sobre os governos. Platão defendia que esse ensino devia ser considerado um dos principais ramos da Educação. Achava mesmo que se podia avaliar o carácter de uma pessoa, segundo os seus gostos musicais e que, por isso, os jovens deviam receber formação musical segundo um método determinado, desde bastante cedo, para aprenderem a conhecer e a executar bem a Música.

Em Roma, a Música fazia parte dos programas de Educação e era ensinada por professores gregos.

No começo da Idade Média, quando a Música religiosa tomou um lugar extremamente importante, quase exclusivo no mundo ocidental, foram criadas as escolas de canto, com vista ao aperfeiçoamento técnico dos que entoavam os cânticos integrados nos ofícios religiosos. Estas escolas pertenciam a determinadas igrejas e os seus alunos tanto podiam ser adultos como crianças, destinadas à vida eclesiástica.

No início do século IX, Carlos Magno promoveu o ensino da Música nas escolas existentes nos mosteiros e junto das principais igrejas. Este monarca mandou vir de Roma mestres encarregados de ensinar e de expandir a prática do canto gregoriano, contribuindo assim para um desenvolvimento dos estudos musicais que alastrou a todo o Ocidente.



A partir do século XI, surge um tipo de Música Profana, praticada pelos trovadores e menestréis. Para estes, a Música e poesia estavam intimamente ligados e, por isso, na maioria dos casos, a sua formação abarcava estes dois meios de expressão, mas, entre eles, havia músicos profissionais que se ocupavam do ensino da Música a jovens pretendentes ao mesmo ofício.

No século XV, os príncipes da Casa de Avis promoveram uma prática intensa de Música Polifónica Religiosa na corte Portuguesa. Fundaram capelas, para as quais contrataram novos capelães/cantores e moços de coro aprendizes para cantarem de forma agradável e atraentes louvores a Deus.

Pensa-se que no século XVI, época em que a Música religiosa recebeu um novo impulso, tenha havido nas escolas Sés do Porto, de Viseu e de Elvas, um Ensino Regular de Música Polifónica. Neste período, há já notícias de se proporcionar a crianças dotadas, a partir dos oito ou nove anos, uma boa formação musical em escolas que funcionavam na Sé de Évora e no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, podendo, posteriormente, seguir uma carreira de músicos profissionais.

Durante algum tempo, os Jesuítas puseram grandes reservas à prática e ao ensino da Música: contudo, reconhecendo a esta arte capacidade de atrair as audiências que pretendiam catequizar, introduziram-na em espetáculos escolares de teatro, realizados nos próprios colégios ou em recintos ao ar livre.

A título de exemplo, pode ainda lembrar-se que, no século XVII, havia ensino de Música no Colégio dos Santos Reis Magos, situada no paço dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa.

Enquanto no século XVI, um pouco por toda a Europa prosperaram as escolas religiosas, em Itália, recolhiam-se em Conservatórios (a palavra conservatórios significa asilo), crianças abandonadas, dotadas de aptidão para a Música, que possuíssem boas vozes e um bom ouvido. Outras instituições deste tipo nasceram em Veneza e tomaram o nome de “Ospedale”, das quais as mais conhecidas foram as “Ospedale della Pietá” e “Ospedale dei Mendicati”.

Em França, em meados do século XVII, Lully colaborou com Molière em várias “Comédies-ballets”, espetáculos que antecederam a ópera Francesa. Em 1713, Luís XIV ordenou a fundação, em Paris, de uma escola de Música, outra de dança e uma mais,



especificamente, para o ensino de instrumentos, onde seriam educados artistas destinados à “Academie Royale de Musique”.

Em Portugal, em 1713, D. João V fundou numa dependência da Capela Real um seminário especializado em garantir um ensino adequado aos jovens músicos, que veio depois a ser transferido para o Convento de S. Francisco, com o nome de Seminário de Sá Patriarcal. Neles eram admitidas crianças musicalmente dotadas, até aos oito anos, ou, quando possuidoras de um talento especial, até aos dez, recebendo uma formação musical prática mas intensa, e sempre no âmbito da Música Sacra.

Na segunda metade do século XIX foram-se desenvolvendo, tanto em Lisboa como no Porto, diversas instituições com o propósito de difundir o gosto pela Música, através da formação de grupos corais, e da realização de cursos, concertos e conferências. Em 1919, depois de nomeado diretor do Conservatório de Lisboa, Viana da Mota elaborou, juntamente com Luís de Freitas Branco, uma importante reforma do ensino da Música naquela instituição.

Foram então, modernizados métodos, programas e criaram-se meios para dar aos alunos uma formação cultural que os músicos portugueses, dum modo geral, não possuíam.

Foi esta a primeira reforma levada a cabo no ensino da Música em Portugal, desde Bomtempo. Na sua ação inovadora, Viana da Mota adoptou uma atitude de oposição à tradição da ópera Italiana, que tinha dominado a Música Portuguesa durante o século XIX, fomentando o gosto pela audição de concertos sinfónicos e de Música de Câmara.

No caso específico da Educação Musical no ensino genérico, pode considerar-se que foi o seu antecedente o ensino e a prática do canto coral, integrados no currículo das escolas primárias, que foi instituído em 1878. Contudo, passados trinta anos em Portugal, devemos referir o atraso em que se encontrava esse ensino. O grande impulsionador do desenvolvimento do canto coral nas escolas, tanto de ensino primário como de ensino secundário, foi o Padre Tomás de Borba.

Pode-se ainda considerar Tomás de Borba como o introdutor duma nova pedagogia da Educação Musical em Portugal. Para além do impulso dado ao canto coral e de preconizar que uma boa formação devia passar pelas canções didáticas praticadas nessas aulas, criou um novo método de solfejo entoado, em substituição do anti-musical solfejo rezado, que publicou em livros de exercícios de Solfejo.



Tendo-se a sua pedagogia centrado na prática vocal, com vários graus de dificuldade, criou obras que lhe permitiram, a ele e aos seus seguidores, desenvolver atividades desse tipo.

2.1. A Música no Âmbito do Desenvolvimento

O sentido da Música segundo Verdeau-Paillés, (1985) deriva da aptidão de escuta e da expressão pelos sons. O ouvido, a voz, o corpo intervêm todos na relação com o objeto sonoro. Segundo Costa, (1995:19) a Música é mais do que um aglomerado de sons e o efeito que ela nos provoca vai muito mais além daquele provocado por cada sonoridade. A Música é composta pelo ritmo e pela melodia. O ouvido interno parece ter sido concebido para a integração da Música. Ela é, por conseguinte, altamente organizada de sons e movimentos que o ouvido organiza. A escuta da Música na criança aparece como meio, por excelência, de aprender a perceber de maneira organizada, ou seja, a escutar. No que diz respeito ao cantar, este tem um efeito idêntico sobre a auto-escuta.

As principais características da Música, a intensidade tonal, o timbre, o ritmo, encontram-se na linguagem falada. Assim, ela implica o ouvido, a voz e o corpo da criança a escutar, integrar e exprimir os sons da linguagem. Então, pode ser considerada uma pré-linguagem.

Para além da comunicação, a criança tem prazer em produzir e ouvir sons. A Música é constituída por sons e o som é uma das experiências mais precoces da criança.

Para a criança é um prazer ouvir sons organizados, como as canções de embalar, as rimas e as histórias porque ouve palavras ritmadas, repetidas e entoadas. A repetição de certos sons ouvidos permite-lhes brincar com eles. Quanto mais simples são as “imagens” ou o conteúdo das canções, tanto maior será a participação da criança. Ouvir Música com a criança, cantar com e para ela, dançar, brincar com objetos que produzem diferentes sons, construir instrumentos improvisados (com caixas de cartão, boiões de iogurte) e inventar canções são atividades, durante as quais, a criança exercita tudo o que já aprendeu, envolvida no grupo, na família e na comunidade.



Por vezes, a Música é ouvida ou praticada em conjunto, o que leva a criança a relacionar-se com os outros. É preciso dar-lhe oportunidade para ouvir e explorar diferentes sons, cantar, dançar e tocar para que se situe e participe no mundo que a rodeia. Uma tarefa musical fornece à criança diferentes formas de participação. Por outro lado, a Música promove a identidade cultural, sobretudo porque através da Música tradicional, a criança contacta com a cultura do seu povo e vai partilhar dos mesmos valores e até do mesmo modo de vida.

Diz um provérbio chinês que *“quando um homem está emocionado usa a palavra, se a palavra não é suficiente usa a melodia e se a melodia não é suficiente usa o corpo”*.

2.2. A Importância da Música na Educação

Segundo Xenaxis, (citado por Pinto, 1996) a Música é uma arte que faz parte da vida, e deverá ser encarada como um meio da cultura humana.

Na prática pedagógica, observa-se que educar pela arte não consiste em desenvolver aptidões artísticas. O aperfeiçoamento da sensibilidade estética é decorrência de um processo que visa acima de tudo a capacidade criadora.

A Música em si, é considerada como arte, uma vez que satisfaz o instinto criador da criança, desenvolvendo a sua capacidade de apreciar o belo e enriquecer a vida. Brincadeiras com ritmos e sons ajudam-na a experimentar e criar. Essas duas atitudes são necessárias para que a criança cresça com uma personalidade própria, expressando-se de forma individual, rica e criativa.

A Música e as artes visuais são das mais importantes linguagens na vida da criança, tendo um papel fundamental no seu desenvolvimento global, tornando-se um poderoso recurso educativo e ajudando a criança a expandir-se cada vez mais livremente.

A importância desta área é verificada desde que a criança é gerada e já a partir desta fase começa a ter uma importância fundamental. Durante nove meses, o mundo intra-uterino é o mundo dos sons por excelência. O feto reage aos sons com rapidez: sons harmónicos, a voz da mãe, a qual ele reconhece mal nasce.



Segundo Pocinho, (1999:52) *“O feto é um ser que ouve, compreende e sente. Este ser vive num ambiente acústico rico, constituído por barulhos internos ténues (cardíacos e digestivos) e por barulhos externos, como sejam a voz da mãe e do pai”*.

Durante o primeiro ano de vida, a criança conhece-se através de estímulos sensoriais e respostas musculares. A criança vai descobrindo o mundo que a rodeia e vai aprendendo com a ação. Ela vai descobrindo os sons, dando aos brinquedos sonoros grande valor nos primeiros anos de vida.

Para Gagnard, (1974) a criança que está acostumada a ouvir Música integra, sem se aperceber, o mundo dos sons, no seu universo interior.

A Música colabora de maneira muito especial, no desenvolvimento de todas as faculdades da criança, harmonizando-as entre si, favorecendo a personalidade do ser em formação. Não é destinada apenas a uma determinada categoria de pessoas particularmente dotadas, mas é benéfica, é necessária e é acessível a toda a gente.

É extremamente essencial que as crianças se apercebam da beleza dos sons que se podem ouvir e obter em Música.

Tal com a leitura, a Matemática, o Estudo do Meio e as outras áreas que ajudam na formação e alargam a cultura geral do aluno, a Música também deve fazer parte da Educação escolar, como componente independente e em relação direta com as outras áreas visto ser uma disciplina multifacetada.

O bater de mãos, de pés, nos joelhos, estalinhos com os dedos, palmas, a movimentação em grupo, rodas, danças, e tantas outras formas de atuação ajudam a criança a expressar-se, e a tomar melhor consciência do seu corpo e das suas possibilidades, desenvolvendo o ouvido musical.

Todos os jogos, cantilenas e outras explorações musicais, que desenvolvem o sentido auditivo, rítmico e corporal trazem sempre grandes benefícios à criança, que assim poderá entrar na descoberta de sons e de gestos ritmados para o desenvolvimento do seu sentido estético.

Segundo Torres, (1998) as canções e danças permitem realizar jogos na sala de aula, desenvolvendo a coordenação motora e o relacionamento social. Através destas é ainda possível adquirir uma cultura geral, uma vez que a criança passa a identificar e valorizar o património musical português.



“... Expressão e documento da vida, sentimentos, aspirações e afetos do nosso povo, a canção portuguesa faz parte do património espiritual da nação portuguesa... Amá-la é conhecermo-nos no que em nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal, defendê-la, é defender portanto uma parcela de nós mesmos, da nossa individualidade, da nossa história íntima... ”. Torres (Op. Cit. :23)

Visando a perspetiva de Valle e Costa, (1971) a Música na Educação poderá ser referida em quatro grandes aspetos, sendo eles: biológico, psicológico, sociológico e filosófico.

Relativamente ao aspeto biológico e da preservação da saúde, o canto desenvolve uma série de ações que proporcionam o desenvolvimento da acuidade auditiva, do aparelho respiratório e do aparelho fonador.

A nível da acuidade auditiva, uma vez que do bem ouvir depende a reprodução exata dos sons, a Música serve para auxiliar os alunos que apresentam maiores dificuldades, desenvolvendo atividades como: dizer frases cantando para que as crianças as reproduzam, mandar imitar vozes de animais, elementos da natureza, timbres de instrumentos, etc.

A Música pode, do mesmo modo, influenciar o desenvolvimento psicológico do indivíduo, podendo ela auxiliar as atividades em relação ao ambiente.

As sensações desagradáveis levam o indivíduo a evita-las, enquanto que, as sensações agradáveis levam o indivíduo a repeti-las, assim, sempre que se fizer acompanhar por Música, a aprendizagem será certamente agradável e a Música estará a funcionar como “reforço” dessa aprendizagem.

Por outro lado, o gosto por esta área surge em simultâneo com o desenvolvimento mental e emocional da criança, e para ter consciência de tal fato basta observar como os sons, os ruídos e a própria fala despertam o interesse das mesmas.

A Música também tem uma importância fundamental para os mais tímidos e também para os superativos, podendo ambos encontrar o seu equilíbrio emocional através dela. Além de levar ao desenvolvimento geral, auxilia a coordenação motora, a acuidade auditiva, a acuidade visual, a memória, a atenção, etc. Assim sendo, ajuda a criança a atingir o nível de maturação mais rápido.

Esta área do saber atende às mais variadas necessidades das crianças, como o afeto, a inserção no grupo, a segurança, a satisfação, a auto expressão e a criatividade, sendo ela um elemento incentivador.



“A Música é uma escola de imaginação e de rigor” Gagnard (Op. Cit.:18).

Para Valle e Costa, (Op. Cit.) ela é incentivadora do civismo, pois, com uma atitude de responsabilidade e de cumprimento do dever, de respeito pelo próximo de colaboração com a comunidade, é possível fomentar a socialização da criança. Como elemento disciplinador, ela condiciona o interesse dos alunos, pois a indisciplina está intimamente ligada ao interesse que o aluno possa ter pelos conteúdos. Assim sendo, se os alunos se interessam pelo que estão a realizar, a sua aprendizagem será maior, entrando aqui a Música como fator de motivação para a aprendizagem.

É um elemento recreador, uma vez que pode ser utilizada para a recreação livre ou dirigida, o que leva a criança a ter um ambiente agradável na sala de aula e consequentemente nas suas aprendizagens.

“Todos os jogos e exercícios musicais e corporais que desenvolvem o sentido auditivo e sensorial, habituando a criança a ouvir, a brincar com os sons e a inventar, vão integrá-la, sem ela se aperceber, no mundo dos sons” Pinto (Op. Cit.:7).

Ligada à aprendizagem da Música encontra-se a aprendizagem motora, isto porque associado à Música vem sempre o movimento. Os movimentos ritmados vão em auxílio da aprendizagem motora, na utilização de palmas, nos gestos ritmados, etc. A nível concetual, ou seja, na aquisição de conhecimentos, ideias ou informações que possibilitem a formação de conceitos, a Música tem um papel ativo e extremamente importante como transmissora de conhecimentos, podendo ser usada como auxiliar das áreas do currículo.

A importância da Música para o desenvolvimento global e integral da criança, é fundamental, se não mesmo vital.

“A força da Música é-nos imprescindível, a todos, mesmo aos não entendidos” Souza (1981:6).

Para Valle e Costa, (Op. Cit.) o professor deveria utilizar a Música, nas suas aulas, sempre que possível, pois assim, estaria a proporcionar aos seus alunos grandes desenvolvimentos.

Contudo, para o mesmo autor, os professores ainda desconhecem a importância desta área na Escola e utilizam-na apenas em certas alturas especialmente nas festas, no final das temáticas ou quando resta algum tempo livre.



Esta disciplina tem que ser encarada como outra atividade qualquer, incluída no plano do professor, para que seja realmente um elemento vitalizador no ensino, possibilitando o desenvolvimento das aptidões do educando e das suas preferências.

À Educação compete encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informação, mais ou menos efémeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Cabe também fornecer, dalgum modo, a cartografia dum mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele.

Não basta, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.

Segundo Delors, (S.D.:77) para poder dar respostas ao conjunto das suas missões, a Educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão, aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente, aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

Para Vale et al, (S.D) as correntes mais modernas tendem a conceituar a Educação como “desenvolvimento harmónico de todas as capacidades do indivíduo, com o duplo objetivo de permitir a plena expansão da personalidade humana e de concorrer para a organização de uma vida social melhor.

Analisando a conceituação exposta, chega-se à conclusão que a Educação tem como finalidade o desenvolvimento integral da personalidade do educando, tendo em vista a sua integração e participação efetiva no grupo social, visando ao progresso do mesmo.

Há vários aspetos, dentro do desenvolvimento do educando, que devem ser observados, em função do auxílio que a Música lhe pode prestar:



✧ Aspecto físico e da preservação da saúde, pois o canto envolve uma série de ações que proporcionam o desenvolvimento:

- Da acuidade auditiva, uma vez que do bom ouvir dependerá, em grande parte, a reprodução exata dos sons;
- Do aparelho respiratório, pela necessidade adequada de respiração adequada para o canto;
- Do aparelho fonador, pela emissão correta dos sons, isto é, pelo canto propriamente dito.

✧ Aspeto da integração social:

- Observando-se a variedade de grupos a que uma criança pertence e a necessidade que tem de estabelecer um bom relacionamento com os membros desses grupos, nada mais razoável do que auxiliá-la nessa tarefa, de forma a fazê-la perceber as suas necessidades e as responsabilidades em relação a esse grupo;
- As atividades musicais compartilhadas, são elementos que a um só tempo farão sentir dois aspetos: o da necessidade de cooperação e o do respeito ao próximo que são tão úteis na socialização da criança.

✧ Aspetos psicológicos:

- A Música pode auxiliar o desenvolvimento psicológico da criança, ou seja, pode auxiliar as atividades da criança em relação ao ambiente. É oportuno lembrar que as sensações desagradáveis levam o indivíduo a evitá-las, enquanto as sensações agradáveis levam o indivíduo a repeti-las.

O mesmo autor afirma que sempre que se fizer acompanhar de Música, a aprendizagem será certamente agradável, e a Música estará a funcionar como “reforço” dessa aprendizagem.

Segundo Estrela, (1994) o gosto da Música surge simultaneamente com o desenvolvimento mental e emocional da criança, bastando observar que os ruídos, a fala despertam grande interesse nos bebés. Os brinquedos que produzem sons e ruídos são também os preferidos.

Mais tarde, as crianças procuram imitar o canto do embalo das mães.

Ainda na primeira infância, apreciam e cantam músicas curtas e agradáveis.



Qualquer professor, deve utilizar músicas em todos os momentos possíveis, pois, com isso, estará a proporcionar aos seus alunos enormes oportunidades de desenvolvimento.

Outro aspeto a ser observado é o da criança tímida ou da criança excessivamente agitada. Ambas podem vir a encontrar o equilíbrio emocional através da atividade musical.

Para isso, é necessária a introdução de material didático na sala de aula, para que o aluno possa contatar e manipular livremente.

2.3. O Professor Interdisciplinar e a Música

Segundo Lopes, (1998) o processo educativo deve ter na sua base, o desenvolvimento integral do aluno bem como a sua autonomia em relação aos outros e a sua própria realidade.

É indispensável, uma relação afetiva na sala de aula, de modo a estimular intrinsecamente os educandos, desencadeando neles o interesse pelos estudos e motivações para a vida.

Contudo, não se deve esquecer que a aprendizagem é auto-educação e que só a auto-aprendizagem, adequada ao nível mental do educando, influi significativamente nas suas mudanças comportamentais e conquista novos níveis de mobilidade e de estruturas intelectuais. Cada aluno, tem uma maneira, muito própria de se relacionar com a realidade, de se adaptar a ela e intelectualmente a interiorizar.

“É a aprendizagem que determina o nosso pensamento, a nossa linguagem, as motivações, as atitudes, a personalidade” Monteiro e Santos (Op. Cit.:209).

A realização humana, é com efeito, um processo e um fenómeno artístico, no qual o Homem é, simultaneamente, o artista e o objeto da sua arte. Como tal, deve ser incentivada a sua cultura e o seu desenvolvimento.



A verdadeira Educação não pode consistir num processo de identificação com outrem, mas sim de identificação consigo mesmo. A realização pessoal é a base primária de todas as motivações humanas e estímulos comportamentais.

O aluno toma assim consciência da sua própria existência individualizada, personalizada e existencial, o que leva o indivíduo a assumir-se como pessoa, sujeito de direitos e deveres, a assumir-se como projeto de realização inacabado.

O professor não deve esquecer nunca, que a Música proporciona um ambiente agradável, sendo uma grande vantagem para o verdadeiro conhecimento.

A interdisciplinaridade, deve partir sempre do próprio professor, não como mera proposta que aparece na escola, mas como veículo para atingir o sucesso dos alunos, deve partir dele a iniciativa de conceber e realizar experiências de integração.

Verificando-se neste futuro professor este enquadramento, a Música servir-lhe-á como ponto de partida para a interdisciplinaridade.

“A interdisciplinaridade é, assim, a estratégia de conservação e condução da dimensão interrogativa através da variedade dos campos em que ela mantém a sua pertinência” Lopes (1998:86).

A Música serve para criar ambientes propícios para o reencontro de várias disciplinas com o único objetivo, promover o sucesso escolar de cada aluno. Para que isso aconteça, o professor pode criar textos, que depois serão musicados, podendo neles integrar os conteúdos de várias disciplinas, utilizando assim, o interesse dos alunos e o seu gosto pela Música.

2.4. A Música como Terapia

Sendo a Música um instrumento de pensamento e de expressão de emoções através da motricidade, é capaz de atingir as profundezas do ser que estão inacessíveis e que a Educação habitualmente não é capaz de resolver.



A ideia da função terapêutica da Música tem sido explorada ao longo da história da civilização humana até à atualidade. Porém, é apenas na segunda metade do século XX que se estabelece como uma forma específica de terapia e também como o estudo do complexo som/ser humano, quer o som seja musical ou não. Para Peters, (2000) certos aspetos das componentes físicas da Música, da sua utilização e das reações a ela, juntamente com os significados e usos culturais, ajudam a compreender alguns dos processos que servem de base à utilização desta como terapia e a sua influência no comportamento humano.

A relação da Música com a medicina também é longínqua. Remonta, provavelmente, à civilização egípcia onde a origem dos primeiros escritos sobre a ação da mesma, no corpo humano foram os papiros médicos. Estes mencionam a influência benéfica da Música na fertilidade da mulher. Também são referências importantes as lendas da mitologia grega (e outros relatos) que enumeram episódios sobre o poder calmante e terapêutico da Música. Homero afirma que Aquiles foi encontrado na sua tenda tocando uma magnífica lira e expurgando a sua cólera.

Como sabemos, a Música está presente em todo o ciclo vital humano. Desde a fase intra-uterina o feto entra em contacto com os variados sons, pois o sentido de audição já se encontra bastante desenvolvido.

Segundo Gainza, (1996) a Música é necessária não só depois do nascimento, mas também antes dele pois, são numerosas as experiências que demonstram a importância do som e da Música durante a vida fetal.

A Musicoterapia é uma palavra que deriva do grego e significa *“parte da medicina que ensina os preceitos e remédios para o tratamento e cura das enfermidades”*.

Segundo Benezon, (1985) a Musicoterapia é um novíssimo campo de atuação profissional que está a ajudar muitas pessoas. Apesar de ser uma terapia nova, a relação do ser humano com a Música é tão antiga quanto a humanidade, tal é que os povos antigos lhes davam grande valor, atribuindo-lhes poder de cura, diversão e meios de comunicação em diversas áreas como no campo da religião, da medicina e da sociedade. Até hoje, a Música é uma necessidade de todas as culturas.

Comparando a mesma, com as outras artes, vemos que ela tem maior poder de atuação sobre o indivíduo, em vista da sua excepcional força biológica. Por ser uma forma



de comportamento humano, a Música exerce uma influência única e poderosa sobre o Homem.

Para o mesmo autor, qualquer que seja o seu propósito num momento de alegria, de tristeza, de exaltação cívica, de recolhimento religioso. Ela relaciona-se sempre com o Homem, pois nasceu da sua mente, das suas emoções, o que lhe confere, por isso, mesmo, esse poder magnético de atingi-lo. A Música poderá provocar no indivíduo, a comunicação, a identificação, a fantasia, a expressão pessoal e levá-lo ao conhecimento de si mesmo.

É, a partir desta relação, que a Musicoterapia estabelece a sua base de trabalho. Consiste numa forma de tratamento que utiliza toda e qualquer manifestação sonora para produzir efeitos terapêuticos. Ou seja, através do uso da Música, dos sons e do movimento, estabelece-se uma relação de ajuda, onde o Musicoterapeuta tem como objetivo auxiliar o seu paciente nas suas necessidades (como prevenção, reabilitação, bem como uma melhor interação do indivíduo com a sociedade). Podendo existir um melhoramento dos aspetos cognitivo, afetivo, psicomotor e social, através de instrumentos simples, jogos recreativos, atividades rítmicas, cantadas, dramatizadas e sensório-motoras, sendo, é claro, a Música o canal de comunicação.

O emprego da Música é utilizado com o objetivo de conservar a saúde, a felicidade e o conforto do Homem. A boa Música harmoniza o ser humano, trazendo-o de volta a padrões mais saudáveis de pensamento, sentimento e ação, conseguindo renovar a divina harmonia e o ritmo do corpo, das emoções e do espírito do homem. Se a Musicoterapia estiver a alcançar os seus objetivos, o paciente começará a funcionar melhor como pessoa completa.

Segundo o autor referido anteriormente, a Música tem a capacidade de mover o ser humano tanto a nível físico, como a nível psíquico. Em Musicoterapia, este poder da Música utiliza-se para atingir objetivos terapêuticos, mantendo, melhorando e restaurando o funcionamento físico, cognitivo, emocional e social das pessoas.

A Musicoterapia pode ser objetiva e subjetiva, individual e coletiva, interpessoal e intrapessoal. Como arte, a Musicoterapia organiza-se para a ciência e focaliza-se como um processo interpessoal. Como ciência, enriquece-se como arte e humaniza a relação terapeuta - cliente.



Capítulo 3 - A Criança e a Música

Várias são as vantagens da utilização da Música, a mais importante é que a atividade musical ajuda o indivíduo a crescer. Como já sabemos, a criança, mesmo no útero da mãe, já tem contacto com sons e ruídos, ao nascer tem uma “memória musical”.

Através do reconhecimento e imitação de variadas sonoridades é que se vai desenvolvendo.

A Música, pode ser, se permitirmos, um grande contributo para a ajuda das crianças com NEE. Não só as motiva, como ajuda a desenvolver as suas lacunas. Tal como, já foi referido neste trabalho, há Música que condiciona e determina um certo comportamento, uma certa expressão de um sentimento. Isto é, a criança pode estar sob efeito de um nervosismo, de uma depressão ou agressividade e determinada música ou canção mudar o seu espírito, acalmar ou alegrar, servir de estímulo, proporcionar paz, etc. A Música tem aqui a função de uma espécie de terapia, a terapia musical.

Podemos pensar que as crianças com NEE não têm a mesma capacidade para extrair da Música tudo de benéfico que ela pode oferecer, mas esta é uma ideia errada.

Tomemos como exemplo, alguns casos de problemas de crianças com NEE, com base num texto de Anne Sommermeyer, publicado no livro de Legaud et al – “A criança e a Música (1971)”.

- ✓ Crianças com deficiências motoras;

Ter deficiências motoras não significa não ter direito à Educação Musical. Se não podem encontrar alguém que não tenha a capacidade de ajudá-las a tocar um instrumento, pelo menos, podem ouvir Música, seja gravada, seja ao vivo. Temos, no entanto de ter em conta que estas crianças, nomeadamente, as que têm dificuldades auditivas, são muito sensíveis ao ruído e devemos, por isso, ter o cuidado de considerar este aspeto.

- ✓ Crianças deficientes mentais;

É mais difícil acreditar que estas crianças gostem e beneficiem da Música e da riqueza do som.



Porém, elas têm gosto e natural tendência para o ritmo e para a Música. É necessário que se ponha este gosto ao serviço do desenvolvimento da sua expressão corporal e da formação do espírito.

É também de muito interesse que as crianças com deficiências mentais aprendam a manejar instrumentos de percussão e de sopro pois, estes favorecerão o desenvolvimento da expressão corporal, da atenção, assim como, o desenvolvimento auditivo.

Em suma, tal como Anne Sommermeyer nos adverte “(...) *para o deficiente mental como para a criança chamada “normal”, a Música deve ser, antes de tudo, um prazer, um meio de expressão e de criação pessoal. Faça dela um amigo na educação do seu filho, e nunca um inimigo. Peça ao pequeno deficiente um esforço persistente de aprendizagem, mas permita-se-lhe também descontraír-se “ em Música ” (...)* Por vezes, quando ouvir Música, dê-lhe o exemplo de uma atenção silenciosa; ...Ele ouvirá com uma atenção persistente e sentir-se-á, assim, muito feliz” Legaud (1971).

3.1. A Música para Portadores de Deficiência

Sabemos, hoje em dia, da importância da Música para o ser humano e da contribuição que esta pode oferecer ao portador de deficiência sob todos os aspetos. Atendemos a variadas deficiências mantendo sempre contacto com todos os profissionais que atendem o aluno. A Música, quando bem administrada, tem efeitos benéficos ao ser humano e coloca-o em contacto com os seus sentimentos sem causar introspeção. O portador de deficiência tenta vencer as suas limitações através do amor, da força interior e da vontade de vencer. Dá estímulos e limitações para muitos indivíduos chamados “normais” que a vida é para ser vivida sempre a lutar para superar os obstáculos. Mas quem são os normais? Nós, que discriminamos, diariamente, e fingimos que as situações não existem, ou o deficiente, que sempre nos aceita ou acolhe no seu mundo e nos dá provas que as limitações são barreiras que podem ser superadas. É tempo de pensar e de refletir.



A Música, mais concretamente, de entre as Expressões, pode ser, se permitirmos um grande contributo para a ajuda das crianças com NEE. Não só, as motiva, como também, ajuda a desenvolver as suas lacunas.

Há Música que condiciona e determina um certo comportamento, uma certa expressão de um sentimento. Isto é, a criança pode estar sob efeito de um nervosismo, de uma depressão ou agressividade e determinada música ou canção mudar o seu estado de espírito, acalmar ou alegrar, servir de estímulo, proporcionar paz. A Música tem aqui a função de uma terapia, a terapia musical.

As crianças com deficiência têm gosto e natural tendência para o ritmo e para a Música. É necessário que se ponha este gosto ao serviço do desenvolvimento da sua expressão corporal e da formação do espírito. É também de muito interesse que as crianças com esta patologia aprendam a manejar instrumentos de percussão e de sopro pois, estes favorecerão o desenvolvimento auditivo.

A Música como elemento terapêutico é utilizado há mais de trinta mil anos, apesar de existir como profissão há pouco mais de trinta. Ela encontra um grande campo de aplicação em pedagogia, sobretudo na reeducação de pessoas com "handicaps" físicos, com problemas sensoriais tais como a surdez, cegueira e ainda nas pessoas com problemas mentais. Sendo ela um instrumento de disciplina, de pensamento e de expressão de emoções através da motricidade, é capaz de atingir as profundezas do ser que estão inacessíveis e que a Educação entendia no seu aspeto habitual, não é capaz de resolver.

Ao estudar-se o desenvolvimento do ser humano, permite compreender que o som acompanha-nos desde a vida intra-uterina até à nossa morte. Há estudos que comprovam que o feto, através do seu sistema tátil, e posteriormente, através do ouvido, ouve sons e ritmos que fazem parte do universo corporal da mãe. Para além de todos os sons corporais tais como as articulações, os movimentos peristálticos, a voz da mãe, o feto desenvolve-se e vai-se apercebendo da importância vital que este som (batimento cardíaco) tem para a sua vida.

Para Benezon, (1985) *"Toda a alteração no sangue pelo cordão umbilical, provoca estados de stress ou de alarme no feto, ou seja o instinto da vida ou de morte está em estreita relação com os batimentos cardíacos que impulsionam o fluxo sanguíneo desde a mãe até ao feto, através do cordão umbilical"*.



A Música toca em regiões do ser e do inconsciente, impossíveis de obter por outros meios, e exerce uma enorme influência sobre as condições psicofisiológicas do ouvinte. Em consequência, produz efeitos quer a nível físico, quer a nível psíquico. Na medida em que pretende dar resposta a objetivos ora pedagógicos ora terapêuticos, a Música tem um caráter de reeducação. A capacidade que ela tem de desbloquear estados inibidores, de resolver problemas de expressão e de preparar o indivíduo para o acesso a uma psicoterapia essencialmente verbal, faz que seja utilizada no campo psiquiátrico como o meio de comunicação para pessoas com doenças mentais, autistas e outras, que são privadas de certas relações interpessoais. Podemos considerar a Música como uma outra linguagem, possuindo o seu código específico. A linguagem verbal foi-se desenvolvendo, segundo um processo de evolução cultural permitindo descrições precisas e sendo a base de uma grande parte da nossa cultura. Em oposição, a linguagem musical é uma forma de arte que assenta sobre a notação do tempo por intermédio do ritmo. Ela não fornece ao nosso espírito pensamentos claros, mas aparece como um fenómeno global que origina experiências de beleza onde o resultado é a conjugação da sensibilidade e da emoção. Esta dupla linguagem artística, existente na nossa cultura – verbal e musical - encontram-se de maneira surpreendente na função cerebral.

A criança/jovem com défice intelectual, apresenta perturbações e limitações na forma de se relacionar com o meio e com os outros. O facto de essas limitações serem ao nível comunicativo, colocam entraves à forma de ela estar no mundo. É comum constatarem que estas crianças apresentam problemas de ordem emocional e relacional, inibindo o seu potencial de desenvolvimento. Torna-se imperioso reeducá-las de forma a torná-las capazes de desempenhar, dentro de padrões mínimos, as atividades normais para a sua idade, de forma a dar-lhes melhor qualidade de vida.

Segundo Jacques Dalcroze, (citado por Benenson, 1985) *"...é indispensável, no campo da Música,..., favorecer na criança a liberdade das suas ações musculares e nervosas, ajudando-o a triunfar sobre as resistências e inibições e harmonizar as suas funções corporais com as do pensamento"*.

Pelo facto da Música possibilitar a comunicação, ajudar a memória, impulsionar e organizar as ações motoras, ela é de maior importância na (re)educação e desenvolvimento dos deficientes.



Para Paillés e Ponti, (1995) “ *a Música experimentada, compreendida, interpretada como percepção do ritmo e como atividade rítmica, pode ter a sua utilização em pedagogia e em terapêutica, dirigindo-se a indivíduos ou a grupos, a crianças, a adultos, a pessoas idosas; ela permite reunir as luzes de uma fácil aprendizagem, de um melhoramento dos comportamentos, de um desaparecimento de certos sintomas e de uma possibilidade de comunicação para os indivíduos que sofrem de diversos tipos de handicapes sensoriais*”.

Deste modo, são várias as áreas de conteúdo onde a Música pode atuar: doenças mentais, motoras, sensoriais e outras.

Neste sentido, o trabalho tem características distintas, de acordo com as necessidades de cada patologia.

Face a uma criança com deficiência, temos de a encarar como um ser humano com quem se vai estabelecer um meio especial de comunicação, devendo esquecer todas as informações de base sobre a criança, isto é, partir da linha zero, despojar-se de todas as circunstâncias vivenciais que o “deficiente” apresenta para poder exercer nele uma terapia positiva e um meio de comunicação eficaz entre os dois intervenientes nas sessões individuais.

O primeiro contacto com uma criança com deficiência, deverá ser individual, propõe-se começar com algumas sessões individuais, de cinco a dez, para depois se integrar nas sessões de grupo e é nestas que o “deficiente” melhor se enquadra no sentido de uma terapia adequada.

Segundo Jacques Dalcroze, (citado por Benenzon, 1985) “ *É indispensável no campo da Música ou qualquer outro domínio, ocupar-se dos ritmos, favorecer na criança a liberdade das suas ações musculares e nervosas, ajudá-la a triunfar sobre as resistências e inibições e harmonizar as suas funções corporais com as do pensamento*”.

Com a criança com deficiência todas as obras musicais devem ser do máximo primitivismo, pois trata-se de estimular e tratar um ser humano que apresenta um grave handicap. A regra de ouro desta terapia é a simplicidade. É muito importante que a terapia recorra às canções simples que podem ser inventadas pelo deficiente ou pelo profissional que o acompanha. Deve-se adotar textos primitivos para que sejam entendidos, por exemplo: o cavalo toc-toc, o gato miau-miau, etc. O ritmo cardíaco é outro conceito a ser explorado.



Se a criança com deficiência apresenta agressividade, é importante que se canalize a Música, dando-lhe um tambor para expressar esse sentimento.

Deve-se escutar o tempo biológico particular de cada criança, para assim atuar com mais eficácia no tratamento da deficiência.

Deste modo, tem de se ter um conhecimento sobre a idade cronológica e o quociente intelectual do indivíduo e, por outro lado tem de se dirigir a um ser humano a quem através de uma linguagem especial vão ser dirigidas uma série de mensagens que servirão para o seu desenvolvimento. Pelo facto da Música se inserir num contexto não verbal, permite a introdução de mensagens que pareçam difíceis, embora sejam facilmente captadas.

Quando a Música e o som se utilizam como agentes de intercâmbio, para estabelecer uma relação terapêutica que possibilite o crescimento e o desenvolvimento da pessoa, encontramos-nos frente a um processo Música/Terapia. Este baseia-se na potencialidade sensorio/motor e comunicativa da Música, e é constituída pelo trinómio – ação/relação/comunicação.

Para Costa, (1995) a ação consiste em tocar instrumentos, cantar ou mover-se ao som da Música e deve ter um carácter lúdico. O “deficiente” precisa de ser estimulado a brincar, porque só assim é que vai poder manifestar as suas capacidades e criatividade. Através da Música, vão-se desenvolver certas habilidades motoras e as noções de espaço e tempo.

O resultado da ação de tocar, cantar, dançar, chega a todas as pessoas presentes no grupo de trabalho, mesmo àquelas que, aparentemente, não estão a participar na atividade. Começa a ocorrer uma interação e um contacto interpessoal – a relação. Com o decorrer do processo, os membros do grupo ouvem-se e tocam em conjunto. Têm início relações interpessoais mais explícitas.

A Música é um meio não verbal de comunicação/expressão de sentimentos e afetos, que mais tarde poderão chegar, ou não, a ser verbalmente explicitados e elaborados.



3.2. A Música como forma de Inclusão para crianças com NEE

A Música é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, de auto estima e do auto conhecimento, além de ser um poderoso meio de integração social entre as pessoas, independentemente, da diferença entre elas. As crianças poderão estabelecer contacto de dentro e fora da escola. Sob o ponto de vista da maturação individual, isto é, da aprendizagem das regras sociais por parte da criança, a Música também é importante. Ao brincar nos jogos de roda, a criança tem, por exemplo, a oportunidade de experimentar de forma lúdica, momentos de perda, de escolha, de receção, de dúvida e de afirmação.

Ao mesmo tempo, a Música estimula diversas áreas sensitivas, o seu carácter relaxante pode proporcionar uma maior absorção de informações, isto é, aprendizagem. Losavow, (citado por Becker, 1997) desenvolveu uma pesquisa onde foram observadas crianças em processo de aprendizagem, a uma parte delas foi oferecido Música Clássica durante a aula e foi notável a diferença ao nível da concentração resultando numa melhor aprendizagem.

Deste modo, a Música possibilita o desenvolvimento da linguagem, da ala e da coordenação motora da criança, melhorando a sua socialização e equilíbrio. Nas deficiências de aprendizagem favorece a concentração e a disciplina.

Monteiro (2002) diz que sendo a Música uma linguagem universal, tem poder de inserção do indivíduo à sua cultura independentemente da sua situação mental ou física.

A Música pode contribuir para que a criança interaja com o seu mundo, além de ser um instrumento mediador.

O ritmo é um elemento que pode ser de grande contribuição para o desenvolvimento da psicomotricidade de crianças com deficiências físicas.

Piaget (citado por Oliveira, 1997) afirma que não podemos conceber a ideia de espaço sem abordarmos a noção de tempo.

Para que uma criança aprenda a ler, é necessário que possua um certo domínio do ritmo, um reconhecimento dos sons e das frequências das palavras.



Através da orientação temporal, a criança adquire a experiência de localização dos acontecimentos passados e poderá projetar-se para o futuro, fazendo planos e decidindo a sua vida.

Segundo Oliveira, toda a criança possui um ritmo natural, mesmo quando bebé, está sujeita a diversos estímulos rítmicos como: o balanço do berço, a melodia cantada pela mãe e inclusive o seu próprio choro que possui horas de repouso e horas de impulsos.

O ritmo permite uma maior flexibilidade de movimentos, pois em contacto com um som externo, o nosso ritmo interno entrará em consonância ou reagirá a esses sons, aceitando ou tentando transformar a intensidade deles. Permite também um maior poder de concentração, na medida em que a criança é obrigada a seguir uma cadência determinada.

Orientar-se no tempo, torna-se fundamental na atividade quotidiana, pois a maioria das nossas atividades são cronometradas nele.

Contudo, para que o processo de musicalização seja considerado terapêutico, requer a intervenção de um terapeuta, quando a Música é utilizada sem a presença deste, o processo não é qualificado como terapia.

Furlanetto, (citado por Becker, 1997) ao falar de interdisciplinaridade parte da noção de fronteira. Ao mesmo tempo que limita, liga ao todo, passa a ser percebida quando deixam de ser linhas rígidas e se flexibilizam, assumindo possibilidades múltiplas.

Com isso, a interdisciplinaridade significa troca, parceria e diálogo em busca do novo, através da ampliação e revisão constante dos seus princípios e pressupostos.



Enquadramento Empírico



Capítulo 4 - Definição do Problema

Visto a maioria dos professores ainda pouco recorrerem à Música nas suas aulas devido ao facto de desconhcerem as suas potencialidades pedagógicas, bem como à falta de tempo para cumprir o programa, a realização deste trabalho visa demonstrar o valor pedagógico desta área curricular, assim como, o seu contributo no desenvolvimento global das crianças com NEE, com o intuito de consciencializar os educadores sobre a sua riqueza no desenvolvimento global dos alunos.

Tendo em conta a revisão bibliográfica efetuada no âmbito dos efeitos da Musicoterapia em crianças portadoras de NEE, surgiu a seguinte questão:

Até que ponto a Música, contribui para o desenvolvimento global das crianças com NEE?

4.1. Objetivos da Investigação

Face às dificuldades observadas, foi selecionado como objetivo prioritário, para a realização deste trabalho, perceber a importância da Música na aprendizagem de conteúdos curriculares de crianças com NEE, assim como, a importância que ela assume, no comportamento destas crianças e perceber até que ponto os professores valorizam, desvalorizam ou ignoram a importância da referida área, no desenvolvimento global dos mesmos.

Deste modo serão tidos em consideração os seguintes aspetos:

- ✓ Reconhecer, na natureza lúdica da Música, o modo como a criança com NEE tem de se exprimir através de jogos e brincadeiras;
- ✓ Encorajar as relações interpessoais como meio de conhecimento do outro, do mundo e de si próprio;
- ✓ Experimentar a inter e multidisciplinaridade que a Música propõe, na criação de propostas originais;
- ✓ Reconhecer o seu valor educativo nas aprendizagens dos alunos com NEE;



- ✓ Verificar a influência da Musicoterapia no desenvolvimento das capacidades das crianças com NEE esperadas, consoante a faixa etária.

4.2. Justificação do Tema

Quando nos deparamos com a necessidade de escolher um tema para a elaboração da nossa tese de Mestrado, muitos foram os assuntos pensados. Durante esta fase de reflexão, sentimos necessidade de desenvolver o tema Necessidades Educativas Especiais, tendo em conta as dificuldades sentidas que já nos surpreenderam na nossa prática pedagógica, mais precisamente quando lecionámos numa turma de Transição para a Vida, constituída por sete alunos, com problemáticas diferentes.

Radizando nesta situação gerou-se um enorme interesse e preocupação em aprofundar conhecimentos sobre NEE e perceber como a Música interfere no comportamento das crianças com problemas, daí a pertinência do tema: “A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com NEE”.

A prática de atividades que envolvem a Música nas aulas pode contribuir muito para um desenvolvimento harmonioso e integral da criança.

Neste sentido, este trabalho visa também revelar, de uma forma mais profunda, o valor educativo desta área, visto que, para além de contribuir para o desenvolvimento global da criança, é do seu agrado e, se bem explorada, pode facilitar certas aprendizagens, de uma forma lúdica, mas bastante enriquecedora.

É também nossa intenção, com a realização deste trabalho, alertar os professores sobre as potencialidades da utilização da Música nas aulas, de modo a poderem servir-se dela na sua totalidade, visando o sucesso dos alunos.

4.3. Condicionismos do Estudo

Dado, o programa de Mestrado, a elevada responsabilidade e exigência que possuímos para desenvolver, com sucesso, a nossa tese, o fator tempo e a escassez de recursos, foram algumas das limitações que encontramos no decorrer da nossa



investigação. Outras podem ser apontadas como sendo a aplicação do questionário a professores do ensino regular e de Educação Especial e não a musicoterapeutas, bem como a outros intervenientes que trabalham, diretamente, com estes alunos.

Nesse sentido, a nossa principal intenção foi, de facto, descobrir algumas relações entre as variáveis em estudo que se possam constituir em hipóteses de investigação para um futuro próximo (que esperamos realizar). Daí, a escolha desta metodologia correlacional.



Capítulo 5 - Metodologia

Neste trabalho, pretendemos utilizar um estudo descritivo e, como recolha de dados, utilizamos uma metodologia quantitativa, elaboramos um questionário a professores do 1º Ciclo e Educação Especial.

O método correlacional, na verdade, permite explorar até que ponto as variações observadas entre as variáveis dependem umas das outras (Green e d' Oliveira, 1991), podendo mesmo constituir-se num meio de previsão ou antecipação dos possíveis efeitos que a mudança numa variável vai ter noutra ou noutras das que com ela têm alguma relação (Arnal et al., 1994). De alguma forma, portanto, os estudos correlacionais vão para além da mera descrição dos fenómenos e, na medida em que permitem a realização de algumas previsões, podem mesmo considerar-se como métodos de indução científica, sendo uma das formas mais adequadas para a formulação de hipóteses de investigação experimental a verificar em estudos posteriores.

Foram realizados inquéritos a professores/as na procura de perceberem mais objetivamente a importância atribuída por estes à Música.

A recolha de dados através de inquéritos é um procedimento técnico que o campo da Educação tende a privilegiar, na prática da investigação empírica, sendo largamente aceite a sua validade, como recurso de informação e de trabalho estatístico (Tuckman, 1994).

A preparação de um inquérito por questionário implica a conceção de questões pertinentes, que irão ser colocadas a diversos inquiridos, na perspectiva de recolher informações significativas para o estudo em causa.

O conjunto de indivíduos a quem se dirige o inquérito, neste caso aos professores, constitui a nossa amostra, como referimos anteriormente.

O mesmo autor salienta que existem algumas vantagens na utilização do inquérito por questionário, como por exemplo, a possibilidade de quantificar uma variedade de dados e de proceder a numerosas análises de correlação, a exigência de representatividade do conjunto dos inquiridos pode ser facilmente satisfeita utilizando este método, por outro lado, permite a obtenção de respostas mais rápidas e mais precisas devido à não influência direta do inquiridor, assim como, concede liberdade e segurança ao inquirido nas respostas devido ao anonimato.



As questões foram elaboradas, tendo por base um esforço para que fossem claras e acessíveis, utilizando uma linguagem adaptada aos inquiridos, incluindo-se perguntas fechadas.

No final, procedemos ao tratamento estatístico dos dados, que foram recolhidos através do inquérito por questionário, e à apresentação e discussão dos resultados, assim como à análise qualitativa das observações informais realizadas.

No nosso estudo, atendendo ao tipo de trabalho a que nos propomos realizar, o questionário pareceu-nos o mais eficaz para nos fazer fornecer uma análise de dados, mais rigorosa e uma amostra mais completa.

O número de perguntas de um questionário deve ser adequado à pesquisa e não mais do que o necessário.

O questionário do nosso trabalho será preenchido informaticamente por professores do 1º Ciclo e de Educação Especial e é constituído por dezoito perguntas.

Dos inquéritos elaborados foram distribuídos, cem exemplares, a professores do 1º Ciclo e Educação Especial, através de e-mail, tendo sido devolvidos apenas cinquenta.

5.1. Caracterização da Amostra

Perante o objeto de estudo, a questão de partida e as hipóteses formuladas, procurámos fundamentar a nossa investigação junto de uma amostra de aproximadamente cem pessoas, no entanto, como só foi possível recolher cinquenta questionários, esta passa a ser a nossa amostra.

5.2. Hipóteses

A realização deste trabalho visa responder às seguintes hipóteses:



H1: Os alunos com NEE que participam em atividades musicais aprendem mais facilmente que os alunos com NEE que não participam nestas atividades;

VI: Participar em atividades musicais;

VD: Aprender mais facilmente;

H2: Os alunos que usufruem, frequentemente, da Música adquirem mais facilmente uma maior cooperação, respeito e conhecimento de si e dos outros, do que os que não desfrutam dela;

VI: Usufruir frequentemente da Música;

VD: Adquirir mais cooperação, respeito e conhecimento de si e dos outros;

H3: As crianças com NEE que usufruem da Música sentem-se mais desinibidas e exprimem melhor as suas ideias e sentimentos do que as que não participam nestas atividades;

VI: Usufruir da Música;

VD: Sentem-se mais desinibidas e exprimem melhor as suas ideias e sentimentos;

5.3. Fase Preparatória ou Estudo Preliminar

Assim, escolhida a metodologia geral de trabalho, procurámos organizar a nossa investigação empírica que, de forma sintética, se pode caracterizar em três diferentes fases: uma fase de planeamento, seleção da amostra a estudar e escolha dos instrumentos e materiais a utilizar. uma fase de aplicação dos instrumentos selecionados à amostra escolhida e recolha dos dados resultantes desta aplicação, e, finalmente, uma fase de tratamento estatístico dos dados conseguidos e da sua análise e discussão.



5.3.1. 1ª Fase: Pesquisa Documental

A pesquisa documental, decorreu entre os meses de Abril e Maio de 2012, permitiu fazer um levantamento de material relacionado, direta ou indiretamente, com o tema em estudo.

Durante esse tempo, tentámos elaborar a parte teórica do nosso trabalho.

A pesquisa documental constitui uma etapa essencial para aprofundar os conhecimentos da temática em estudo e para a conceção do plano geral da nossa investigação.

5.3.2. 2ª Fase: Levantamento dos Casos

A segunda fase, consistiu na construção e aplicação de um questionário a professores do 1º Ciclo e Educação Especial.

5.3.3. 3ª Fase: Pesquisa de Campo

Finalmente, na terceira fase, procedemos ao tratamento estatístico dos dados recolhidos nos questionários e à sua análise e discussão.

Dessa análise dos dados, entretanto, procurámos retirar algumas conclusões que, a título de hipóteses, poderão servir de plataforma para a realização de estudos posteriores.

5.4. Recolha de Dados

5.4.1. Fase Preparatória

A fase preparatória consistiu, na leitura de toda a parte teórica desta investigação, no levantamento das hipóteses e das variáveis, assim como, no levantamento das questões para a elaboração do questionário.

5.4.2. Fase Exploratória

Nesta fase, elaborou-se o questionário e o mesmo, foi distribuído a cem professores do 1º Ciclo e Educação Especial, embora só tenham sido devolvidos cinquenta.

Os questionários foram elaborados tendo em conta os dados recolhidos no campo teórico.

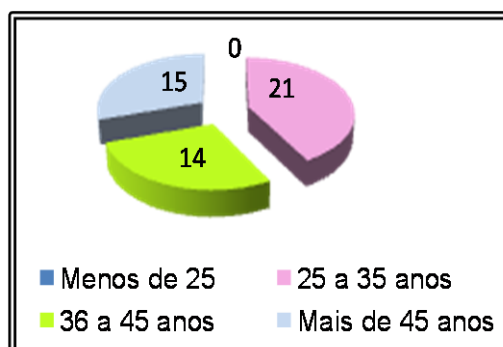
5.4.3. Apresentação, Análise e Discussão do Estudo Prático

Neste ponto iremos apresentar os dados obtidos através das repostas dadas aos inquiridos, apresentadas em forma de gráficos a fim de facilitar a sua análise e interpretação.

5.4.3.1. Apresentação e Análise dos Dados Obtidos

1. Idade

Gráfico nº 1 – Idade dos professores inquiridos



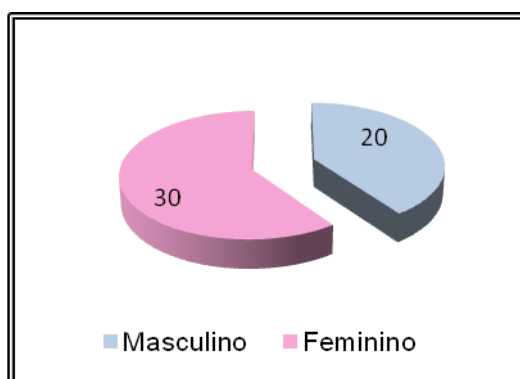
Tal como se verifica pela observação do gráfico nº 1, os docentes inquiridos foram cinquenta.

Através da análise do mesmo, retiramos dados relativos às idades dos professores. De acordo com esta variável, podemos concluir que existe uma faixa etária que predomina em relação às restantes, vinte e um professores têm a idade compreendida entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos, quinze têm mais de quarenta e cinco, catorze docentes têm a idade compreendida entre os trinta e seis e os quarenta e cinco anos.

Dos professores questionados nenhum possui menos de vinte e cinco anos.

2. Sexo

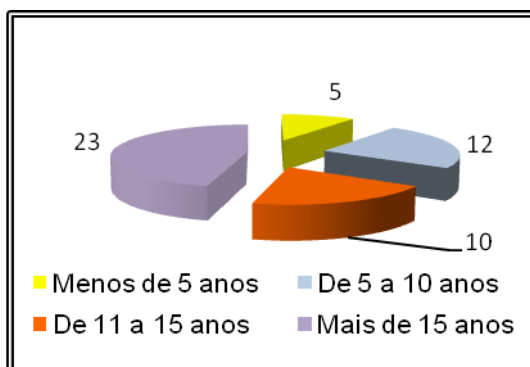
Gráfico nº 2 – Género dos docentes



Da visualização do gráfico nº 2, conclui-se que a maioria (trinta) dos inquiridos é do sexo feminino. Contudo, vinte são do sexo masculino.

3. Tempo de Serviço

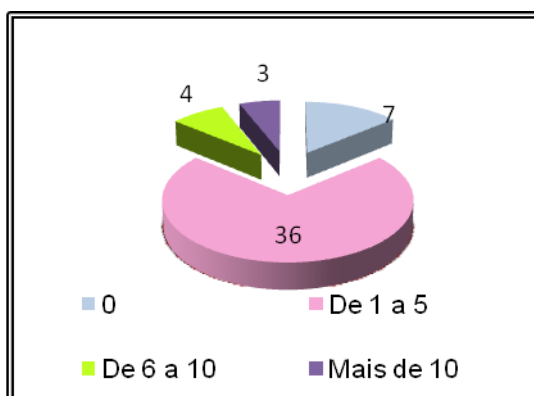
Gráfico nº 3: Tempo de Serviço



Através da análise do gráfico nº 3 é possível afirmar que a grande maioria dos professores inquiridos, vinte e três, possuem mais de quinze anos de serviço, doze possuem, de cinco a dez anos de serviço, dez apresentam de onze a quinze e cinco apresentam menos de cinco anos de serviço.

4. Anos de experiência com alunos NEE

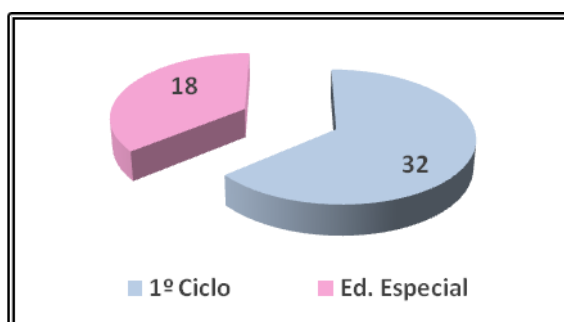
Gráfico nº 4 – Anos de experiência com alunos NEE



A esta pergunta, a maioria dos inquiridos, trinta e seis, referiram que trabalharam com alunos com NEE, de um a cinco anos de serviço, quatro docentes trabalharam de seis a dez anos, três mencionaram que trabalharam mais de dez anos de serviço e sete referiram que nunca trabalharam com este tipo de alunos,

5. Grau de Ensino

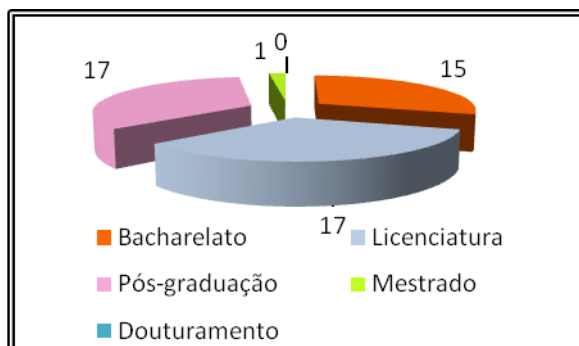
Gráfico nº 5 – Grau de Ensino



Conforme se pode observar no gráfico nº 5, trinta e dois dos docentes inquiridos são do 1º Ciclo e dezoito estão a lecionar na Educação Especial.

6. Habilitações

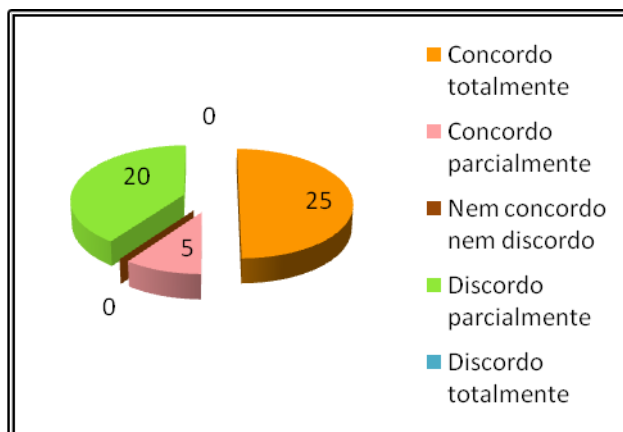
Gráfico nº 6– Habilitações



Dos professores inquiridos, dezassete possuem licenciatura, dezassete possuem uma pós-graduação, quinze bacharelato e um possui mestrado.

7. A formação inicial de professores é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com a área da Música.

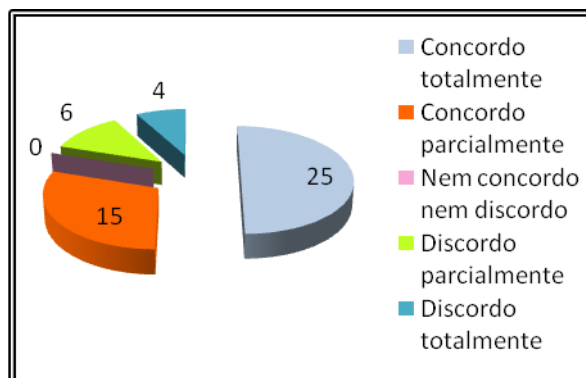
Gráfico nº 7 – A formação inicial de professores é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com a área da Música.



Da análise do gráfico nº 7, podemos inferir que: vinte e cinco professores responderam que concordam totalmente com a afirmação, vinte responderam que discordam parcialmente e cinco responderam que concordam parcialmente.

8. Sinto-me preparado para lecionar estes conteúdos.

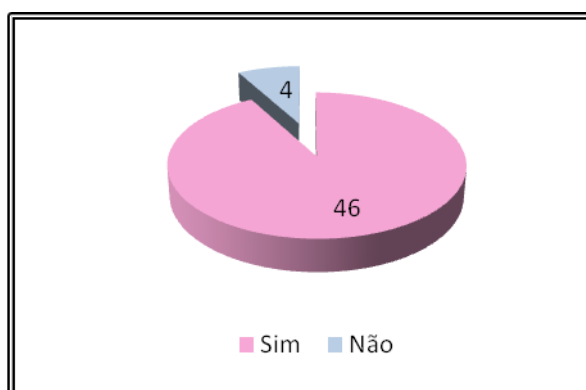
Gráfico nº 8 – Sinto-me preparado para lecionar estes conteúdos.



Dos professores questionados, vinte e cinco responderam que concordam totalmente com esta afirmação, quinze responderam que concordam parcialmente, seis responderam que discordavam parcialmente e quatro responderam que discordavam totalmente.

9. Na sua prática pedagógica já usou alguma vez a Música como estratégia?

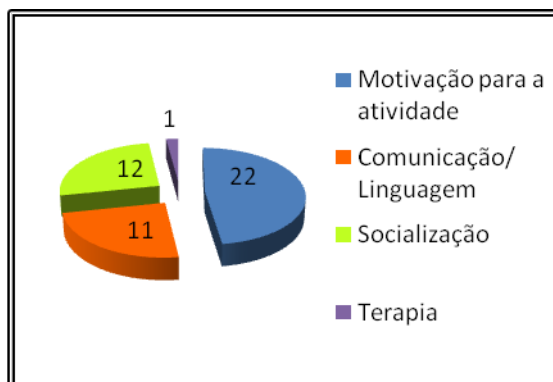
Gráfico nº 9 – Na sua prática pedagógica já usou alguma vez a Música como estratégia?



Quarenta e seis dos professores inquiridos referiram que, na sua prática pedagógica já usaram a Música como estratégia nas suas aulas, quatro referiram que nunca a usaram como estratégia.

10. Se sim, com que objetivo utilizou a Música?

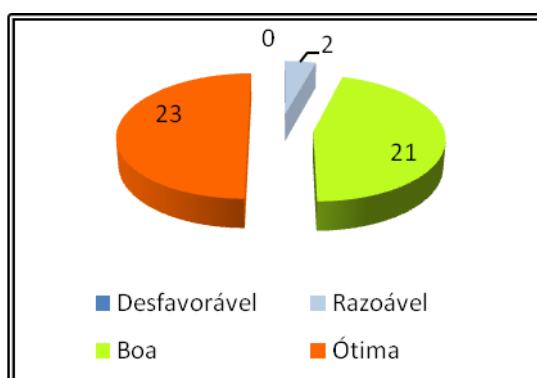
Gráfico nº 10 - Se sim, com que objetivo utilizou a Música?



Segundo observamos no gráfico nº 10, vinte e dois dos docentes mencionaram que usaram a Música como motivação para a atividade, doze referiram que a utilizaram como fator para a socialização, onze empregaram a Música para facilitar a comunicação/linguagem e um referiu que a usou como terapia.

11. Qual a percepção que tirou dessa experiência?

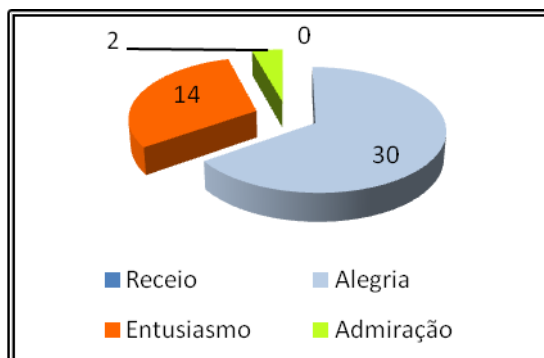
Gráfico nº 11 – Qual a percepção que tirou dessa experiência?



Perante os dados referidos no gráfico nº 11, vinte e três professores mencionaram que a percepção que tiraram dessa experiência foi ótima, vinte e um referiram que foi boa e dois disseram que era razoável.

12. Como reagiu a criança com NEE, quando entrou em contacto com a Música? (Escolha apenas uma opção)

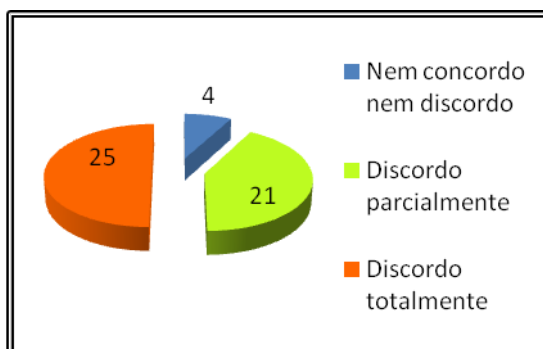
Gráfico nº 12 - Como reagiu a criança com NEE, quando entrou em contacto com a Música? (Escolha apenas uma opção)



Como é possível observar através do gráfico nº 12, trinta professores afirmam que estas crianças, quando em contacto com a Música, mostram alegria, catorze referem que elas demonstram entusiasmo e duas evidenciam admiração, quando em contacto com a Música.

13. As crianças com NEE têm mais dificuldade em comunicar/expressar os seus sentimentos quando em contacto com esta área.

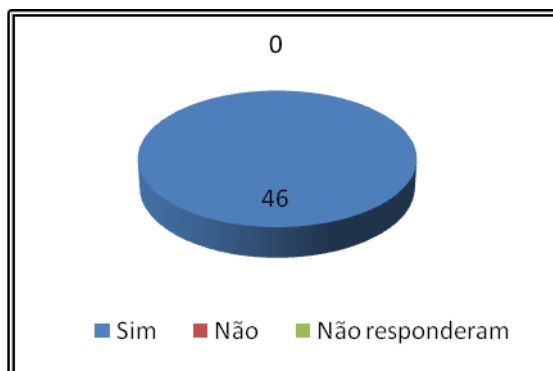
Gráfico nº 13 - As crianças com NEE têm mais dificuldade em comunicar/expressar os seus sentimentos quando em contacto com esta área.



Dos cinquenta professores inquiridos, vinte e cinco discordam totalmente, vinte e um discordam parcialmente e quatro nem concordam nem discordam, com a afirmação.

14. Surgiu alguma alteração no comportamento destas crianças, quando em contacto com a Música?

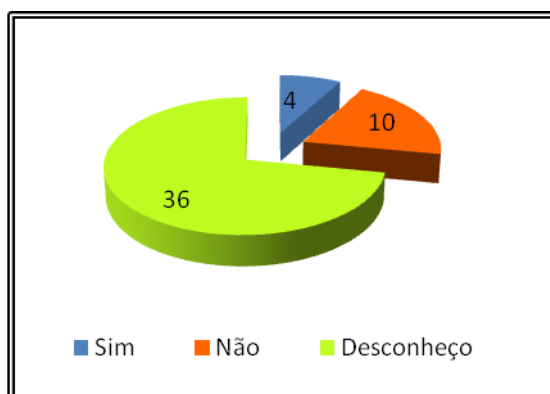
Gráfico nº 14 – Surgiu alguma alteração no comportamento destas crianças, quando em contacto com a Música?



Quarenta e seis dos professores inquiridos referiram que verificaram alterações no comportamento destas crianças, quando em contacto com a Música. E quatro dos docentes não manifestaram a sua opinião face a esta questão.

15. Teve ou tem algum discente que frequente ou frequentasse musicoterapia em algum centro especializado na área?

Gráfico nº 15 – Teve ou tem algum discente que frequente ou frequentasse musicoterapia em algum centro especializado na área?

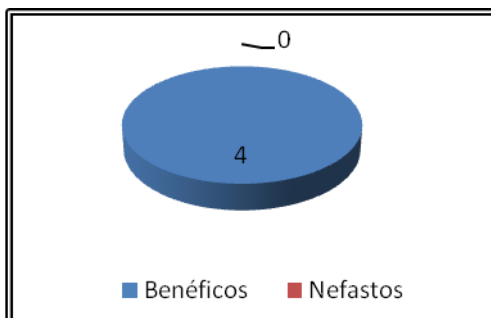


Dos cinquenta professores inquiridos, trinta e seis responderam que desconheciam, que os seus alunos frequentassem musicoterapia em algum centro

especializado da área, dez responderam que não e quatro retorquiram que sim, que possuíam alunos que frequentavam musicoterapia em centros especializados, na área.

16. Se sim, como considera os efeitos obtidos?

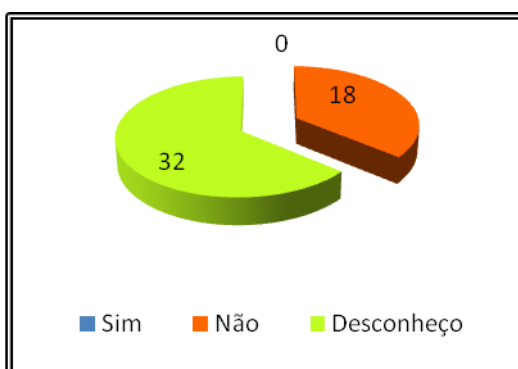
Gráfico nº 16 – Se sim, como considera os efeitos obtidos?



Dos quatro professores que referiram que possuem alunos que frequentam musicoterapia em centros especializados na área, todos consideram que os efeitos obtidos foram benéficos.

17. Existem apoios suficientes extra escola, no que concerne à musicoterapia que ajudem e apoiem crianças com NEE?

Gráfico nº 17 – Existem apoios suficientes extra escola, no que concerne à musicoterapia que ajudem e apoiem crianças com NEE?

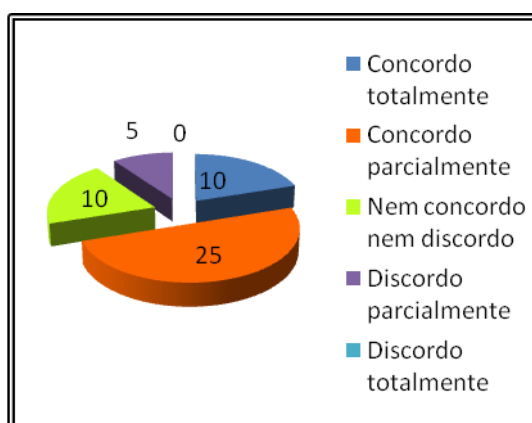


Dos cinquenta professores inquiridos, trinta e dois referiram que desconhecem a existência de apoios suficientes extra escola, no que concerne à musicoterapia para

ajudar e apoiar crianças com NEE, dezoito referiram que não existem apoios suficientes para apoiarem essas crianças.

18. A musicoterapia é crucial para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE.

Gráfico nº 18 – A musicoterapia é crucial para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE.



Vinte e cinco dos professores questionados concordam parcialmente, dez nem concordam nem discordam, dez concordam totalmente e cinco discordam parcialmente com a afirmação.

5.4.3.2. Discussão dos Resultados

Através do estudo elaborado, é possível concluir que a maioria dos professores questionados, responderam que tiveram alunos com NEE (questão nº 4).

Relativamente à questão nº 7 (A formação inicial de professores é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com a área da Música?), a maioria dos docentes concorda que a sua formação inicial é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com esta área. Contudo, a maioria dos inquiridos referiram que não estão preparados para lecionar esta área (questão nº8).



No que diz respeito à questão nº 9 (Na sua prática pedagógica já alguma vez usou a Música como estratégia?), a maioria respondeu que sim, que na sua prática pedagógica, costumam utilizar a Música como uma estratégia.

De acordo com Monteiro (2002), a Música é uma linguagem universal, tem poder de inserção do indivíduo à sua cultura independentemente da sua situação mental ou física e pode contribuir para que a criança interaja com o seu mundo, além de ser um instrumento mediador.

Neste sentido, as respostas obtidas no questionário vão de encontro aos ideais defendidos por Monteiro, pois se o professor utilizar Música nas suas aulas facilmente conseguirá integrar as crianças com NEE.

Para Piaget (citado por Oliveira, 1997), o tempo é a coordenação dos movimentos, não podemos conceber a ideia de espaço sem abordarmos a noção de tempo. Este defende que para que uma criança aprenda a ler, é necessário que possua um certo domínio do ritmo, um reconhecimento dos sons e das frequências das palavras.

Neste sentido, a Música irá facilitar a aprendizagem das outras áreas curriculares.

Algumas das opiniões recolhidas vão ao encontro com as ideias defendidas por Pinto (Idem, Ibidem), que considera que a Música tem um papel ativo como transmissora de conhecimentos, sendo muitas vezes usada como auxiliar das outras áreas curriculares.

Contudo e segundo Valle e Costa (Idem, Ibidem), o professor deveria utilizar constantemente a Música nas suas aulas, pois assim iria estar a contribuir para o desenvolvimento global dos seus alunos. Refutam que o professor deveria encarar a Música como qualquer outra área e não usá-la só como estratégia de motivação para as atividades.

Neste sentido e segundo Costa (Idem, Ibidem), se a criança mostrar interesse pelo que está a realizar, vai interiorizar mais facilmente o conteúdo a saber, e como tal, através desta área ela irá estar mais motivada para essa nova aprendizagem.

De acordo com a questão nº 10 (Se sim, com que objetivo utilizou a Música?), a maioria dos professores, tem a noção que esta área motiva os alunos para as atividades, assim como, desenvolve a sua comunicação/linguagem e também a socialização, têm também a noção que funciona como terapia.



Os resultados obtidos vão ao encontro das ideias defendidas por Losavow (citado por Becker, 1997), uma vez que, este afirma que a Música possibilita o desenvolvimento da linguagem, da ala e da coordenação motora da criança, melhorando a sua socialização e equilíbrio. Nas deficiências de aprendizagem favorece a concentração e a disciplina.

De uma forma descontraída, mas sempre atenta, o professor convida os alunos a desenvolverem-se gradualmente, aliando-se à Música nas suas aulas para envolver os mesmos.

Segundo os resultados obtidos, esta área é muito importante para as crianças do primeiro Ciclo e em especial para as crianças com NEE, uma vez que permite desenvolver as capacidades motoras, promover a socialização, permitindo aos alunos uma maior desinibição, ajudando-os a condicionar os seus comportamentos. Estes resultados vão de certa forma ao encontro do que defende o autor anteriormente referido, pois para ele, ligada à aprendizagem da Música, encontra-se a aprendizagem motora, isto porque, associado à Música vem sempre o movimento. Os movimentos ritmados vão em auxílio da aprendizagem motora, na utilização de palmas, nos gestos ritmados e desta forma desenvolve também a socialização.

Apesar de todas as suas mais-valias e de ser uma excelente fonte de sorrisos, a Música ainda se vê ignorada e muitas vezes menosprezada, dentro da comunidade escolar.

Para Souza (1981), *“A força da Música é-nos imprescindível, a todos, mesmo aos não entendidos”*.

Deste modo, podemos afirmar que a importância desta área para o desenvolvimento global e integral da criança, em especial da criança com NEE, é fundamental, se não mesmo vital.

Para Valle e Costa (Op. Cit.), o professor deveria utilizar esta área, nas suas aulas, sempre que possível, pois assim, estaria a proporcionar aos seus alunos grandes desenvolvimentos.

Relativamente à questão nº 11 (Qual a perceção que tirou dessa experiência?), podemos inferir que a maioria dos inquiridos, consideram a utilização da Música nas suas aulas como uma boa experiência.



De acordo com o autor referido anteriormente, esta área tem em consideração todas as necessidades da criança, desde o afeto, à segurança, à satisfação, à criatividade, até mesmo à inserção no grupo. É uma área completa que favorece e desenvolve a criança.

No que diz respeito à questão nº 12 (“De que maneira reagiu a criança com NEE, quando entrou em contacto com a Música?”), foram obtidas respostas divergentes. Alguns professores afirmaram que a criança com NEE, quando em contacto com esta área revelava comportamentos de alegria, outros revelaram que essas crianças demonstram entusiasmo, quando em contacto com a Música e outros admiração.

Segundo Jacques Dalcroze (citado por Benenson, 1985), *“É indispensável no campo da Música ou qualquer outro domínio, ocupar-se dos ritmos, favorecer na criança a liberdade das suas ações musculares e nervosas, ajudá-la a triunfar sobre as resistências e inibições e harmonizar as suas funções corporais com as do pensamento”*.

Com a criança com NEE todas as obras musicais devem ser do máximo primitivismo, pois trata-se de estimular e tratar um ser humano que apresenta um grave handicap. A regra de ouro desta terapia é a simplicidade. É muito importante que a terapia recorra às canções simples que podem ser inventadas pelo “deficiente” ou pelo profissional que o acompanha.

Quanto à questão nº 14 (Surgiu alguma alteração no comportamento dessa criança?), os professores que já lecionaram turmas com alunos com NEE, referiram que após o contacto com a Música verificaram algumas alterações no comportamento dessas crianças.

Comparativamente à questão nº 15 (Teve ou tem algum discente que frequente ou frequentasse musicoterapia em algum centro especializado na área?), grande parte dos professores questionados responderam que desconhecem que os seus alunos frequentassem musicoterapia em centros especializados e apenas quatro responderam que já tiveram alunos a frequentar musicoterapia.

Dos professores que tiveram alunos a frequentar musicoterapia em centros especializados todos consideram que os efeitos obtidos foram benéficos (questão nº 16).

Os resultados alcançados vão ao encontro das ideias defendidas por Benenson (1985). Isto porque qualquer que seja o seu propósito num momento de alegria, de tristeza, de exaltação cívica, de recolhimento religioso. Ela relaciona-se sempre com o Homem, pois



nasceu da sua mente, das suas emoções, o que lhe confere, por isso, mesmo, esse poder magnético de atingi-lo. A Música poderá provocar no indivíduo, a comunicação, a identificação, a fantasia, a expressão pessoal e levá-lo ao conhecimento de si mesmo.

Quando perguntado, aos mesmos, se existem apoios suficientes, extra escola, no que concerne à musicoterapia que ajudem e apoiem crianças com NEE (questão nº 17), uns professores afirmaram que desconhecem e outros asseguraram que não existem apoios suficientes, extra escola, para auxiliar as crianças com NEE, no que concerne à musicoterapia.

Quanto à última pergunta (Na sua opinião, a musicoterapia é crucial para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE?), alguns professores responderam que, concordavam e consideravam a musicoterapia crucial, para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE.



6. Linhas Futuras de Investigação

Com este estudo, não se pretende obter e apresentar resultados definitivos, mas antes obter a perceção do muito que pode ser feito pelos professores, de acordo com a criatividade, flexibilidade e abertura mental de cada um.

A dimensão da amostra que serviu de base à nossa investigação não nos permitiu sermos muito conclusivos, ao ponto de generalizar as interpretações realizadas. Neste sentido, numa próxima etapa, pensamos que será vantajoso alargar a mesma e reformular o questionário acrescentando mais questões relacionadas com os contributos da Música para a criança com NEE, assim como, concentrar o estudo a professores que efetivamente usam esta metodologia e delimitar a NEE a ser intervencionada.

Outra linha de intervenção pode ser realizar questionários aos Encarregados de Educação e outros técnicos, que intervenham diretamente, com estes alunos, para que se possa, efetivamente, comparar resultados antes e após a utilização da Música.



Conclusões

O presente estudo procurou verificar através de uma investigação bibliográfica exaustiva, a influência da Música no desenvolvimento das crianças portadoras de NEE, assim como, a influência que esta exercia no seu comportamento e na aquisição de conhecimentos.

Ora, a partir de toda a análise documental feita, ao longo destes últimos meses, consideramos pertinente estabelecer as considerações que passamos a apresentar.

A Música é abordada como atividade agradável para as crianças e quando realizada com prazer, o ambiente torna-se mais motivador para a aprendizagem.

As crianças são o reflexo do nosso futuro, como tal, deve-lhes ser dada toda uma Educação que lhes permita alargar os seus conhecimentos e horizontes, para que, conscienciosamente, escolham o seu caminho e não se deixem influenciar pelos gostos ou ideais dos seus pais ou educadores. Será fundamental que a Música comece a andar “de mãos dadas” com o espírito inovador dos docentes, numa ambiência em que os alunos tenham o seu tão merecido papel ativo, formando-se integralmente como cidadãos mais completos.

Para Costa (1995), o professor deveria utilizar a Música, nas suas aulas, sempre que possível, pois assim, estaria a proporcionar aos seus alunos grandes desenvolvimentos.

No entanto, a maioria dos professores tem consciência de que a Música é fulcral e fundamental para o desenvolvimento pleno e integro dos alunos. Lamentável é, que não a insiram, com a frequência desejável, nas suas aulas e temáticas.

A importância da Música para o desenvolvimento global e integral da criança com NEE, é fundamental, se não mesmo vital.

Segundo Souza (1981), *“A força da Música é-nos imprescindível, a todos, mesmo aos não entendidos”*.

Assim, e indo de encontro à questão-problema deste trabalho, surge a necessidade de clarificar a razão de termos estudado a importância da Música, no desenvolvimento global das crianças com NEE e não de um outro tema, abarcado pelas terapias alternativas.



Pelo presente estudo parece-nos que os alunos com NEE que participam em actividades onde a Música está presente, aprendem mais facilmente, sentem-se mais desinibidos e exprimem melhor as suas ideias e sentimentos do que os alunos com NEE que não participam nestas actividades.

Os mesmos, ao usufruírem, frequentemente, de aulas, onde a Música está presente adquirem mais facilmente uma maior cooperação, respeito e conhecimento de si e dos outros, do que aqueles que não desfrutam dela.

As crianças com Necessidades Educativas Especiais são em grande parte socialmente carentes, em que o desinteresse da família, a falta de expectativas, a existência de um meio pouco estimulante, e de uma sociedade cada vez mais competitiva e segregadora, fazem com que, tanto o trabalho do professor como o sucesso do aluno seja mais comprometido. É imperioso por isso, dar-lhes plenas condições para desenvolver as suas potencialidades criativas e espontâneas.

Dando-lhes segurança, acreditando e educando por objetivos, eles vão responder dentro das suas possibilidades, de forma criativa e espontânea, como se espera de qualquer criança.

É necessário encarar a criança com Necessidades Educativas Especiais como uma criança normal, pois o que as faz realmente diferentes é a nossa maneira de atuar, de as ver, de não acreditar e diminuir as suas potencialidades.

A Música, para estas crianças, apresenta-se como um importante instrumento terapêutico, na medida em que possibilita o bem-estar e a promoção à saúde.

Na verdade, na investigação documental realizada, ficou bem patente a ideia de que esta área, além de todos os benefícios físicos, fisiológicos e psicológicos, pode possibilitar a reaproximação entre a criança com NEE e as crianças ditas normais, considerando-se esta maneira de comunicação humana.

Importa recordar que todos os cidadãos e nomeadamente os portadores de NEE, devem ter direito à sua integração na sociedade.

O direito pela diferença inclui as crianças que se afastam dos padrões “normais”, devendo a Educação dar resposta a todas e a cada uma das crianças. Deverá adotar-se a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as



crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais.

No entanto, existem alguns estudos que defendem que a Música proporciona, nas crianças com NEE, uma aquisição mais rápida de movimentos esperados para a sua faixa etária.

Assim, para maiores e mais válidos resultados, pensamos haver a necessidade de se efetuar um estudo mais aprofundado sobre o tema, o qual deve ser complementado de uma parte empírica, de forma a poder comprovar-se a veracidade do problema que reside à origem desta tese.

Foi, realmente, muito gratificante para nós desenvolver este estudo, na medida em que aprendemos muito sobre um tema que, para além de ocupar grande destaque na nossa área de interesse, parece-nos ser também, um assunto de grande utilidade prática.

Procuramos que este trabalho fosse claro e pusesse as pessoas a pensar na importância da Música no desenvolvimento global das crianças e na sua possível utilização, como terapia.

Com este estudo, os professores terão a sua tarefa muito mais facilitada, no que diz respeito à atuação perante os alunos com NEE, assim como, a melhor forma de trabalhar com eles, não os marginalizando na turma, pois é o que acontece na maior parte das vezes.

Pretendemos assim, acabar com a discriminação involuntária dos professores, ajudando-os a lidar melhor com estas situações.

Para terminar, é de acreditar que as crianças com NEE devem ter acesso à escola regular e que esta se deve modificar de forma, a que, cada criança seja feliz e ativa de modo a afirmar a sua humanidade, pois só assim o seu handicap é esquecido para deixar lugar a uma pessoa com os seus gostos e os seus desejos.

O crepitar da nossa nostalgia afere-nos para uma realidade mais ambiciosa onde a Música, como terapia, implementa as suas raízes.

Não podemos deixar de imaginar como seria, se todas as crianças portadoras de NEE beneficiassem, cada vez mais, de atividades onde a Música estivesse presente,



assim como de musicoterapia. Estamos convictas de que, quanto mais não fosse, seria certamente, uma criança mais feliz e consciente do seu próprio corpo.

Fica assim a esperança de, um dia, quem sabe até num futuro bem próximo, continuarmos esta caminhada por encruzilhadas, talvez sinuosas, mas indubitavelmente, fascinantes, conduzindo-nos a um novo mundo, em que a “Música” e as “NEE” surgem não como conceitos isolados, mas antes, indissociáveis por uma causa única: contribuir para o desenvolvimento de todos aqueles que, direta (criança com NEE) ou indiretamente (família), estão ligados.

Desejamos com este trabalho, ou quem sabe, com a futura extensão do mesmo, aliciar de alguma forma, as mães e/ou cuidadores de crianças com NEE, a aprenderem a utilizar a Música como terapia.

Esperamos ainda, que o eventual leitor, possa ser estimulado a buscar novas fontes de prazer ou outras possibilidades de comunicação, através da Música, pois não podemos esquecer que a mesma tem sido utilizada pelo Homem em busca da sua saúde, há milénios. O que parecia esquecido, desaponta agora como uma oportunidade de ampliar o nosso olhar e possibilitar ver as várias dimensões do ser humano.



Referências Bibliográficas

- 📖 ARNAL, J., Rincón, D. y Latorre, A. (1994). *Investigación Educativa. Fundamentos y Metodología*. Editorial Labor, Barcelona.
- 📖 BECKER, E. (1997). *Deficiência: alternativas de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- 📖 BENEZON, R. (1985). *Manual de musicoterapia. Ediciones Pai dos Educator, reimpressão*. Barcelona.
- 📖 CHAPMAN, R. (1997). *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- 📖 CORREIA, L. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto Editora, Porto.
- 📖 CORREIA, L. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Coleção Educação Especial. Porto Editora, Porto
- 📖 CORREIA, L. & MARTINS, A. (2000). *Uma escola para todos: Atitudes dos professores perante a inclusão*. Revista Inclusão, nº 1.
- 📖 CORREIA, L. (2003). *Educação Especial e Inclusão - Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto Editora, Porto.
- 📖 COSTA, C. (1995). *Musicoterapia para doenças mentais*. Rio de Janeiro. Editora Clio.
- 📖 DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994). *Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais - Acesso e Qualidade*. Ed. UNESCO.
- 📖 DELORS, J. Educação(S.D.). *Um Tesouro a Descobrir*. Edições Asa.
- 📖 ESTRELA, M. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto Editora, Porto.




- 📖 FELGUEIRAS, I. (1994). *As crianças com Necessidades Educativas Especiais: como as educar?* Inovação, 7, (pp. 23-82).
- 📖 GREEN, J., D' Oliveira, M. (1991). *Testes estatísticos em psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa.
- 📖 HAMMEKEN, P.A. (1996). *Inclusion: An essential guide for the paraprofessional*. Paytral Publications, Minnesota.
- 📖 JIMÉNEZ, R.B. (1993). *Una escuela para todos: La integración escolar*. In R.B. Jiménez (coord), *Necessidades educativas especiales (pp 23-53)*. Ediciones Aljibe, Málaga.
- 📖 JIMÉNEZ, R. (1997). *Educação Especial e Reforma Educativa*, in COLECTICO DE AUTORES (1997), *Necessidades Educativas Especiais*. 1ª Edição, Dinalivro, Lisboa.
- 📖 KIRK, S. & GALLAGHER, J. (1996). *Educação da criança excepcional*. Martins Fontes. São Paulo, Brasil.
- 📖 LEGAUD, M.; LEGAUD, J. (1971). *A Criança e a Música*. Publicações Europa-América.
- 📖 MERIER, L. (1987). *Dificuldades de Aprendizagem*. Barcelona: CBAC.
- 📖 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1993). *Roteiro de Reformas do Sistema Educativo Guia para pais e professores – 1986-1996*. Editorial do Ministério da Educação, Lisboa.
- 📖 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1998). *Organização de Gestão dos Apoios Educativos*. (DEB) Departamento de Ensino Básico, Lisboa
- 📖 MONTEIRO, C. (2002). *A música como processo facilitador da inclusão de portadores de necessidades especiais*. Edição especial do 1º congresso internacional.
- 📖 MORATO, P. P. (1995). *Deficiência Mental e Aprendizagem*. Secretariado Nacional de Reabilitação: Lisboa.



- 📖 NÉRICI, Imíleo (1991). *Introdução à Didáctica Geral*. 16ª Edição, Editoras Altas, São Paulo.
- 📖 OLIVEIRA, G. (1997). *Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- 📖 PETERS, J. (2000). *Music Therapy: Na introducion*. 2ª ed. Charles Thomas Publishers.
- 📖 RODRIGUES, D. (2000). *Paradigma da Educação Inclusiva - Reflexão sobre uma Agenda Possível*. Revista Inclusão, nº 1.
- 📖 RODRIGUES, D. (2001). *Educação e Diferença - Valores e Práticas para Uma Educação Inclusiva*. Porto Editora, Porto.
- 📖 SERRA, H.F. (2002). *Educação Especial – Integração das crianças e adaptações das estruturas de educação*. Estudo de caso, Braga: Edições APPACDDM Distrital.
- 📖 TELMO, I. C. (1995). *A criança diferente: manual de apoio aos educadores de infância e professores do ensino básico*. Gabinete de estudos e planeamento - Ministério da Educação, Lisboa.
- 📖 TUCKMAN, B. (1994). *Manual de Investigação*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- 📖 UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação : Necessidades Educativas Especiais*. MECE, ONU.
- 📖 VALLE, E.; COSTA, N. (S.D.). *Música na Escola Primária*. Livraria José Olympio Editôra, 4ª Edição.
- 📖 VERDEAU – PAILLÉS, J. et al. (1985). *La troisième Oreille et la pensée Musicale*. Editions J.M, Fuzeau.



 VIEIRA, F. & PEREIRA M. (2003). *Se Houvera quem me Ensinara...*, *A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*. Fundação Calouste Gulbenkian, Coimbra.



Anexos



Anexo 1



Escola Superior de Educação João de Deus

QUESTIONÁRIO

(Dirigido aos docentes do 1º Ciclo e Educação Especial)

Este questionário tem como objetivo recolher informações para a realização de uma Tese de Mestrado em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação João de Deus, relacionado com o tema: **A importância da Música para o desenvolvimento global das crianças com NEE: perceção dos professores do 1º Ciclo e de Educação Especial.**

Os dados são rigorosamente confidenciais, as suas informações serão utilizadas para os propósitos desta investigação.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Parte I

Características pessoais e profissionais

1 – Idade

Menos de 25

De 25 a 35

De 36 a 45

Mais de 45

2 – Sexo

Masculino

Feminino



3 – Tempo de serviço			
Menos de 5 anos <input type="checkbox"/>	De 5 a 10 anos <input type="checkbox"/>	De 11 a 15 anos <input type="checkbox"/>	Mais de 15 anos <input type="checkbox"/>
4 – Anos de experiência com alunos NEE			
0 <input type="checkbox"/>	De 1 a 5 <input type="checkbox"/>	De 6 a 10 <input type="checkbox"/>	Mais de 10 <input type="checkbox"/>

5 – Grau de Ensino	
1º Ciclo <input type="checkbox"/>	Educação Especial <input type="checkbox"/>

6 – Habilitações				
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>	Pós-graduação <input type="checkbox"/>	Mestrado <input type="checkbox"/>	Doutoramento <input type="checkbox"/>

Partell***Prática Pedagógica***

7 – A formação inicial de professores é suficiente para lecionar conteúdos relacionados com a área da Música.				
Concordo totalmente <input type="checkbox"/>	Concordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Nem concordo nem discordo <input type="checkbox"/>	Discordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Discordo totalmente <input type="checkbox"/>

8 – Sinto-me preparado para lecionar estes conteúdos.				
Concordo totalmente <input type="checkbox"/>	Concordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Nem concordo nem discordo <input type="checkbox"/>	Discordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Discordo totalmente <input type="checkbox"/>



9 – Na sua prática pedagógica já usou alguma vez a Música como estratégia?

Sim Não

10 – Se sim, com que objetivo utilizou a Música?

Motivação para a
atividade Comunicação/
Linguagem Socialização Terapia

11 – Qual a percepção que tirou dessa experiência?

Desfavorável Razoável Boa Ótima

12 – Como reagiu a criança com NEE, quando entrou em contacto com a Música? (Escolha, apenas, uma opção)

Receio Alegria Entusiasmo Admiração

13 – As crianças NEE têm mais dificuldade em comunicar/expressar os seus sentimentos quando em contato com esta área?

Nem concordo nem discordo Discordo parcialmente Discordo totalmente

14 – Surgiu alguma alteração no comportamento destas crianças, quando em contato com a Música?

Sim Não

15 – Teve ou tem algum discente que frequente ou frequentasse musicoterapia em algum centro especializado na área?

Sim Não Desconheço



16 – Se sim, como considera os efeitos obtidos?	
Benéficos <input type="checkbox"/>	Nefastos <input type="checkbox"/>

17 – Existem apoios suficientes extra escola, no que concerne à musicoterapia que ajudem e apoiem crianças com NEE?		
Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Desconheço <input type="checkbox"/>

18 – A musicoterapia é crucial para melhorar a independência, a saúde e a qualidade de vida das crianças com NEE.				
Concordo totalmente <input type="checkbox"/>	Concordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Nem concordo nem discordo <input type="checkbox"/>	Discordo parcialmente <input type="checkbox"/>	Discordo totalmente <input type="checkbox"/>

Mais uma vez agradeço a sua colaboração.

A sua ajuda foi preciosa!